

um romance de
CAROL MOURA

CANSEI DE SER



Madrinha



CANSEI DE SER MADRINHA

CAROL MOURA

Ficha Técnica

Copyright 2019 Carol Moura

Todos os direitos reservados.

Título: Cansei de ser madrinha

Autora: Carol Moura

Revisão: Expresso das Letras Serviços Editoriais

Capa: Will Nascimento

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Epílogo](#)

[Uma espiada em Amor em Ruanda](#)

[Conheça mais obras da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

Sinopse

As tradições do casamento são engraçadas não?

Algo velho, algo novo, algo emprestado e algo azul.

Mas para Amelia Fergus não há nada de engraçado nas tradições e superstições dos enlaces de suas irmãs e amigas.

Nenhuma noiva que almeja ser feliz em seu matrimônio deixa Amelia de fora do seu “staff” de madrinhas. Considerada pé quente por todas as noivas que conhece, Amy está escalada para mais um casamento, o de Jenna e Luke, amigos de longa data.

Cansada de ser o amuleto da sorte de todos os casais que desejam o “para sempre juntos” — especialmente quando ela tem convicção de que é melhor contrair ebola do que um matrimônio em que você depende da presença de uma madrinha para obter sucesso em seu casamento —, Amy faz uma promessa: nunca mais faria parte de um casamento.

Mas no momento em que ela faz tal promessa, em frente ao belo chafariz repleto de velas, um garçom esbarra nela e a faz cair na água.

Bem, parece que a sorte da madrinha está mudando, finalmente. E se levar em consideração a aparência do garçom, está mudando para melhor.

Nota da autora

Querido leitor,

Pode ser que você já tenha lido esta história. Ela inicialmente se chamava Para sempre madrinha e fazia parte de um selo editorial. Este selo foi encerrado e como os direitos do livro são meus, optei por mudar o nome e enviá-lo para uma nova revisão. Caso queira ler novamente a obra, você é muito bem-vindo.

Para aqueles que ainda não conhecem a história de Amélia e Josh, será um prazer tê-lo a bordo desta viagem.

Prólogo

Odeio a Katherine Heigl.

Sim, eu odeio.

Odeio o fato de ela ter feito um filme onde foi madrinha vinte e sete vezes.

Odeio que ela pareça tão feliz e altruísta naquele maldito longa-metragem.

Quem adora entrar na porra de um vestido ridículo e ficar parada com cara de mocinha emocionada enquanto duas pessoas se comprometem a se amarem para sempre? Que garota pensa que se ela estiver presente nos casamentos das amigas, fará com que elas devolvam o favor e participem do seu casamento com o *cara* escolhido, o homem certo?

Então, sim! Odeio Katherine Heigl.

Odeio que o filme tenha feito tanto sucesso. E principalmente:

Odeio que me comparem a ela.

Não estive em vinte sete casamentos, mas em doze até o momento. E pretendo parar exatamente neste número.

Ao contrário da mocinha de Vestida Para Casar, ser madrinha para mim não é uma honra, é errado e apenas uma obrigação. Uma imposição que começou há cinco anos com o casamento de Winny, minha irmã mais velha.

Eu e minhas outras três irmãs — exatamente, meus pais não tinham

televisão — deveríamos ser damas de honra, e os noivos deveriam escolher casais já casados e que pudessem abençoar o seu casamento, mas minha irmã, sendo a primeira a casar de toda a escola e tendo uma família praticamente toda feita de casais divorciados ou que moram muito longe para cogitarmos convidá-los, se obrigou a transformar minhas irmãs e eu em madrinhas e arranjar pares para nós.

Acontece que nenhuma das minhas irmãs quis quebrar a tradição. Só aceitariam o convite se fossem de fato casadas, tinham medo de mudar o costume e serem presenteadas com azar em seus próprios casamentos. Desta forma, a única a aceitar ser madrinha da minha irmã fui eu, que não me importava com superstições e muito menos com casamentos. As outras foram damas de honra e tudo correu perfeitamente no casamento de Winny.

Meses depois, foi a vez de Becca casar às pressas por estar grávida, mas Winny já estava casada, então ela foi madrinha e me deixaram como dama.

O casamento de Becca foi um fiasco.

Uma tempestade destelhou a igreja inteira, molhando todos os convidados. A maioria foi para casa deixando minha irmã arrasada na recepção.

Depois, Lucy casou, mas estava brigada com Winny e não queria magoar Becca chamando-a para abençoar seu casamento quando o dela foi horrível, então lá fui eu novamente. O casamento, segundo elas, foi perfeito.

Neste meio tempo, Irene, nossa prima, casou e colocou Winny e Lucy para madrinhas, e eu e as outras como damas de honra. O casamento não durou dois meses. O marido fugiu com outra.

Então a minha última irmã, Anne, notou o padrão e me colocou para

ser sua madrinha junto com Eli, nosso primo mais gato. Seu casamento foi perfeito, lindo, sem qualquer problema, e o proprietário do salão de festas acabou não cobrando as horas excedentes da recepção. Pronto. Eu me tornei a fada madrinha dos casamentos.

Winny acreditou em Anne e espalhou a notícia. De repente, o próprio Eli estava casando e mandando sua esposa dispensar a sua madrinha para me colocar no lugar porque queria sorte em seu casamento. A notícia se espalhou por nossos amigos em comum, e mesmo quem eu não encontrava há anos me convocava para ser madrinha, sem poder dar um *não* como resposta. Minha mãe sequer me deixava recusar. Ela acreditava que eu poderia arruinar um casamento se me negasse a ser madrinha de alguém.

Quando Vestida Para Casar passou em um canal da televisão a cabo durante um almoço de família, eu não tive mais paz.

“Você deveria guardar seus vestidos também, Amy”, Becca brincou.

“Sim, talvez lhe tragam sorte e você consiga um bom casamento!”, mamãe emendou em seguida.

Então sim. Existe uma tradição de casamento em minha cidade.

Algo velho...

Algo novo...

Algo emprestado...

Algo azul...

E Amelia Fergus.

Capítulo 1

Jenna não poderia ter escolhido um vestido menos quente? Ou menos apertado na cintura, menos bufante na saia, menos salmão na cor...?

Tudo bem, eu estava sendo uma cadela mal-humorada. Mas eu estava com calor, estava cansada, e minha cota de casamentos havia alcançado um limite.

Aquele seria o último.

Jen e Luke seriam os últimos que me teriam como madrinha. As pessoas me usavam como pé de coelho, mas se esqueciam de perguntar como eu estava em relação a tudo aquilo. Gostava dos casais que me convidaram, mas realmente não tinha nenhuma ligação mais estreita com a maioria deles. Sem contar o desespero para ter sucesso no casamento.

Não era a minha presença que evitaria as brigas, traições, rotinas, cobranças, doenças e também não seria a minha presença que lhes abençoaria com filhos, sexo gostoso pelo resto de suas vidas, promoções no trabalho, conquistas e o que mais viesse para a suas relações. Algumas coisas eram inevitáveis, outras dependiam dos esforços do próprio casal. Forçar alguém a ser sua madrinha por uma superstição era ridículo.

Só perdia para o fato de que, mesmo eu reclamando e odiando cada segundo, continuava aceitando que me empurrassem para seus enlaces uma e outra vez. Sim, isso era mais ridículo e estava na hora de parar.

Assim que os brindes, fotos, choros, as danças, mais choros, declarações de amor e mais fotos acabaram, escapei aos tropeços para a área externa do salão de festas e suspirei aliviada quando senti o vento fresquinho bater em minha pele quente. Respirar um pouco seria bom para a minha bebedeira totalmente justificada pela necessidade de uma dose de diversão.

Era um alívio ficar longe das conversas e do ruído de festa. Especialmente das tias que sempre tinham uma opinião sobre o fato de você ser madrinha, não casada, mas que mesmo assim trazia sorte aos noivos. Estas eram as mais chatas, pior que o calor, o barulho ou o vestido apertado. Seria interessante ficar longe delas para evitar que minha língua bêbada não as chamasse de velhas fofoqueiras ou algo do tipo.

Eu não era casada. Nem comprometida com ninguém, mas também não era nenhuma encalhada. Eu tinha encontros, sexo e até namorava às vezes, mas não pensava em noivado, casamento e juras de amor eterno. Honestamente, me irritava um pouco essa vibe Rei Leão, sabe? A do ciclo sem fim?

Você nasce, cresce, amadurece, conhece alguém, casa, copula, prolifera e morre. Parece que ao chegar à Terra, você ganha um *checklist* para seguir.

Tudo preto e branco.

Credo!

Minhas irmãs dizem que é porque sou nova e não encontrei ninguém que despertasse essa vontade em mim, mas Becca tinha apenas um ano a mais do que meus vinte e três, e já estava casada há quatro anos. Era difícil elas entenderem que a opção era minha. Uma questão de opinião também.

Matrimônio, festas de casamento ou noivado não tinham apelo algum para mim, geralmente eram piegas, faziam com que gastássemos rios de dinheiro e ainda precisávamos aturar pessoas indesejáveis na festa.

Eu só pensava que há mais na vida do que a regra comum que todos seguem, mas de algum modo as pessoas interpretavam isso como: mulher amarga que morrerá sozinha, exceto pelos seus dezenove gatos.

Nunca fui amarga!

Apenas via a vida de outra forma. Trabalhava com o que gostava, como professora de primeira série, tinha poucos amigos — mas minha melhor amiga, Della, valia por muitos —, me perdia em alguma balada com certa frequência e namorava da forma que eu queria.

Se eu almejava algo mais? Claro, viajar, talvez uma segunda faculdade, participar de um concurso de tortas — eu não sei cozinhar nada, mas queria participar de um concurso. Vai entender...—, sair da casa dos meus pais e ter meu próprio apartamento.

Por que era tão difícil para as pessoas entenderem que eu não queria o mesmo que minhas irmãs?

Claro, eu queria alguém para amar e compartilhar a vida, mas não necessariamente casar com um monte de rosas vermelhas ao redor, e muito menos com as velas do chafariz da senhora Kato. Sim, fui a tantos casamentos, que até os fornecedores eram meus conhecidos.

Balançando a cabeça na tentativa de colocar meus pensamentos no lugar novamente, olhei em direção ao chafariz e analisei a troca calorosa entre um casal. Era Lindsey, a dama de honra, e o padrinho de Luke, Went. Eu não o conhecia, mas Lorenzo, meu amigo de longa data que também estava na festa, nos apresentou mais cedo.

Ela parecia bem brava com o cara, mas eu podia ver que aquilo estava mais para tesão e/ou paixão recolhida. Para completar a situação, assim que a dama de honra encerrou o assunto e resolveu deixar o chafariz, esbarrou em uma garçonete. Fechei os olhos, esperando o pior daquela colisão, mas quando abri novamente só a garçonete estava lá, parecendo meio confusa com aquela movimentação abrupta por parte de Lindsey.

Observei a garçonete se recompor e decidi ir até ela para pedir uma bebida, mas um garçom que naquele momento passava por mim parou, me oferecendo mais espumante, e eu apenas sorri e aceitei.

Duas taças.

Virei uma das bebidas e devolvi a taça na bandeja enquanto pegava outra em seguida. Eu não deveria estar bebendo. Não tinha ideia de como voltaria para casa, já que viera de carro sozinha. Mesmo assim, me tornei a melhor amiga do estoque de espumante da festa.

Merda! Vou ter que chamar um táxi, pensei olhando as fotos dos noivos, que estavam estrategicamente colocadas na entrada do salão para dar boas-vindas aos convidados. Revirei os olhos e resmunguei, já um pouco alta:

— Quanto amor, Jen...

Mas logo me peguei apreciando as imagens. Eram bonitas, de bom gosto... E definitivamente transpareciam o sentimento entre o casal.

Terminando minha segunda taça de espumante daquele momento, olhei novamente para o chafariz. Deixei a taça vazia entre os porta-retratos, levantei a saia bufante do vestido e andei até a fonte. Eu poderia comentar sobre como já estava usada e batida a ideia de casar em um salão de festas com um chafariz da sorte, mas quem eu era para falar mal dele?

— Eu entendo você e sua reputação de chama do amor, amigo — dei algumas batidinhas no chafariz para consolá-lo e sentei na borda, analisando as delicadas velas boiando e refletindo as chamas no espelho d'água. Passei os dedos perto dos pavios acesos e brinquei um pouco com eles. Meu rosto parecia bonito no reflexo, então olhei diretamente em meus olhos e me perguntei:

Será que isso tudo não é um pouco de amargura?

Será que você não quer ter a sua própria madrinha?

Revirei os olhos para a Amelia refletida na água e neguei a minha própria pergunta.

Não. Eu não queria.

Não se tratava de inveja, a questão era sobre a minha escolha. Casamentos apenas perderam a graça. Eu não precisava de festa, véu, bolo de dez andares ou uma maldita madrinha para ser feliz em um relacionamento. Então eu prometi enquanto olhava para as velas flutuantes:

— Nunca mais vou a um casamento novamente. Queria ter uma moeda para jogar aqui... Mas eu não preciso de moeda, não estou pedindo nada. Basta convicção. Então: *Nunca. Mais. Vou. A. Um. Casamento. Novamente!*

Quando cogitei me levantar para ir embora dali, uma voz profunda e baixa, muito próxima às minhas costas, me pregou um susto imenso.

— A senhorita...

Com os batimentos cardíacos subitamente acelerados, dei um salto, batendo a cabeça em algo duro e logo ouvi um barulho de vidro quebrando. Virei rapidamente e esbarrei no peito de alguém, o que me fez dar um passo

para trás e pisar na barra do maldito vestido. Isso fez com que eu perdesse completamente o equilíbrio já comprometido pelo álcool, e o único local que havia para cair era dentro do chafariz.

O chafariz cheio de velas.

Antes de cair, duas coisas aconteceram:

Eu rezei...

Por favor, que as velas apaguem antes de me queimar.

E ouvi um homem dizendo:

— Puta que pariu!

No momento em que minha bunda bateu na água, tentei firmar as mãos, mas adivinha só? Elas deslizaram no fundo de pedra da fonte, e eu consegui afundar as costas até estar totalmente submersa do quadril para cima.

Gritei debaixo d'água, mas obviamente pareceu um gargarejo, ou um cacarejo. Eu me debati e tentei colocar as mãos no fundo do chafariz novamente, quando senti que estava sendo içada pelo decote do vestido. Assim que minha cabeça saiu da água, puxei o ar ruidosamente enquanto era colocada de pé com tamanha força, que acabei colidindo novamente com o peito da pessoa em minha frente.

— Você está bem? — Ele perguntou nervosamente, mas eu ainda estava tossindo demais para responder. — Droga! Evie vai me matar, as velas estão novamente apagadas, Julie vai me matar... A *senhora Kato* vai me matar. — Ouvi o homem enquanto ele dava pequenas batidas em minhas costas e me direcionava até uma cadeira. — Aqui, moça, sente aqui.

Eu fiz o que ele disse enquanto tentava me recuperar. Quando

finalmente o ar voltou, me virei para agradecer a ele pelo resgate, mas então perdi o fôlego novamente.

Meu salvador era somente o homem mais lindo que eu já tinha posto meus olhos.

Capítulo 2

— Você está bem? — perguntou novamente, retirando a pequena toalha pendurada em seu bolso e me entregando. — Desculpe, esse pano sujo não vai ajudar muito... Vem comigo, vou ajudar você a se secar.

Ele estendeu a mão para me ajudar a levantar, mas eu só consegui ficar parada, olhando para ele. Alto, porte másculo, cabelos escuros e sedosos, daqueles que quando mexemos não param no lugar e provavelmente escorrem pelos dedos, olhos cor de mel, os dentes pareciam levemente tortos — notei enquanto ele falava sem parar —, mas eram tortos de uma forma sexy... Combinava com ele.

— Moça? Droga! Será que entrou água no cérebro? Está bêbada? — perguntou, franzindo o cenho e me analisando mais de perto. — Alô?! — caminhou um pouco mais e nivelou seu rosto com o meu.

Piscando para trazer de volta o meu foco, balancei a cabeça para responder a ele.

— Desculpe. Sim... Estou bem. — E bêbada também, mas não assumi essa parte.

— Que bom, menos mal. Serei apenas demitido, e não preso. — Ele riu aliviado, me fazendo sorrir também.

Seus olhos pararam nos meus por um momento e logo mudaram de destino, mirando cada canto do meu rosto e depois seguindo para o meu corpo metade molhado.

Pude ver o momento em que sua curiosidade se transformou em

atração.

Eu entendia. Oh, sim! Eu entendia muito bem. Ele era um pedaço de mau caminho e tinha me interessado também. A boa e velha química que raramente acontecia sem que houvesse um toque mais íntimo, como um beijo, estava lá. Eu já senti isso antes. Tony. Eu lembro, foi bom. Muito bom mesmo. E eu também estava bêbada quando isso aconteceu. Hum... Algo a se analisar.

Esqueça Tony, Amelia. Foco no presente.

— Você não será demitido — Consegui dizer depois de decidir que o momento estava tenso o suficiente. — Não direi nada. Não foi sua culpa. Aliás... O que aconteceu? — perguntei, deixando escapar um sorriso.

— Fui lhe oferecer uma bebida e bem na hora você... Estou lhe chamando de você, desculpe, senhorita.

— Não há necessidade de protocolos comigo, me chame de você.

— Tudo bem... — Suspirou aliviado antes de recomeçar — Você levantou rapidamente, batendo a cabeça na minha bandeja. — Sua mão foi para a nuca, em um gesto constrangido que fazia par à testa enrugada.

— E agora estou toda molhada! — Comecei a rir.

— Sim.

— Devo estar parecendo um panda, minha maquiagem não era a prova d'água. — Meu riso aumentou.

— Sim, um pouco... — Sua voz era divertida quando ele respondeu, tentava se controlar para não rir junto comigo. Levantando-se, estendeu a mão para mim novamente. — Venha, há um lugar onde você pode se arrumar, secar um pouco os cabelos e limpar a maquiagem.

Mirando seus olhos, aceitei o convite e deixei que ele me levantasse.

— Meu nome é Amelia — Balancei sua mão em um cumprimento discreto, sem desviar do seu olhar.

— Sou Joshua, mas meus amigos e pessoas que tento afogar me chamam de Josh — Seu sorriso torto destacava uma única covinha em sua bochecha esquerda, o que me fez ainda mais atraída por ele.

— Neste caso, meus amigos e as pessoas que tentam me afogar me chamam de Amy — brinquei de volta.

— Vamos, *Amy*, vamos limpar você.

— Lidere o caminho, *Josh*.

**

Em um canto da cozinha industrial do salão, provavelmente um depósito, Josh ajeitou duas cadeiras e buscou uma toalha de rosto limpa. Quando me entregou o tecido, se desculpou novamente pelo ocorrido. Dispensando seu pedido, passei a toalha no rosto, e o pano felpudo e branco imediatamente ficou com manchas escuras de rímel. Olhando para a sujeira de maquiagem, fiz uma careta e ergui o rosto na direção de Josh.

— Melhorou? — perguntei, piscando algumas vezes, como se fosse uma donzela.

— Não estava ruim antes. — Ele deu de ombros e alcançou uma taça de espumante para mim.

— Sim, tenho certeza de que não estava — brinquei e peguei a taça

com a mão livre enquanto secava meus ombros, pescoço e peito. — Obrigada.

— Arruinei seu vestido, não é?

Olhei para ele e percebi que novamente estava com as mãos na nuca, como se coçasse a cabeça. Mas seus olhos continuavam em mim. Em meu corpo e rosto. A embriaguez não me permitia sentir timidez ao notar sua análise, eu apenas me sentia ainda mais atraída. Queria saber o que ele estava pensando. Gostaria que ele se aproximasse mais.

— Provavelmente não voltará para a festa — concluiu.

— Eu não voltaria para a festa de qualquer maneira, mesmo se estivesse arrumada. — Ergui rapidamente os ombros antes de beber um gole do espumante.

— Mas ela está tão bonita... — Josh argumentou, e levantei a sobrancelha para ele. — Digo, casamentos são legais.

— Blé! — resmunguei, arrancando uma risada dele.

— Não gosta de casamentos?

— Não quando sou mais importante do que o noivo, por exemplo.

— Como assim? — questionou, curioso.

Sem pensar duas vezes, contei a Joshua toda a minha história como madrinha de casamentos até o momento em que tomei um caldo em uma fonte cheia de velas. Não foi porque eu precisava conversar, desabafar ou fazer o tempo passar. Falei tudo porque queria passar mais tempo com ele.

Bem, isso e o fato de eu estar bêbada.

Mas mesmo alcoolizada, eu via que a faísca entre nós estava lá. Seus

olhos, por exemplo, fugiam dos meus e olhavam para a minha boca, e eu fingia que nada estava acontecendo enquanto contava a história.

De repente, *Fast Car*, de Tracy Chapman, começou a tocar. Era a hora de começar a playlist de músicas muito antigas na festa, e isso me fez fechar os olhos e soltar um suspiro chateado.

— Tudo bem, neste momento eu gostaria de estar lá dentro — admiti e me balancei de um lado para o outro, ainda sentada na cadeira.

— Gosta de músicas dos anos oitenta?

— Eu gosto — respondi sem abrir os olhos e sem parar de me embalar.

— Você realmente está bêbada ou é esquisita mesmo? — Sua voz era divertida ao perguntar. Sorri assim que ouvi a pergunta e dei de ombros.

— Um pouco dos dois. Além disso, eu amo músicas antigas, especialmente esta. Então você pode rir de mim enquanto eu mantenho meus olhos fechados e aproveito.

Ele não riu como eu esperava, mas sim começou a cantar a música. Seu tom era baixo, mas ele conhecia a letra e cada oscilação da canção. Abri os olhos e cantei com ele:

Você tem um carro veloz

Eu quero uma passagem para qualquer lugar

Talvez possamos fazer um trato

Talvez juntos nós possamos ir para algum lugar

Qualquer lugar é melhor

Começando do zero, não teremos nada a perder

Talvez nós façamos algo

Eu mesma não tenho nada para provar

Você tem um carro veloz

E eu tenho um plano para nos tirar daqui

Eu tenho trabalhado na loja de conveniência

Dando um jeito para economizar algum dinheiro

Não teremos que ir tão longe

Apenas cruzar a fronteira e entrar na cidade

Você e eu podemos conseguir empregos

E finalmente saber o significado de viver

Eu deveria achar aquilo tudo no mínimo estranho, mas cantar com um garçom realmente sexy dentro de uma cozinha no meio da festa de casamento em que eu era madrinha não era algo exótico para mim. Parecia normal e confortável estar ali com o incrivelmente belo Joshua.

Veja bem, meu velho tem um problema

Ele vive com uma garrafa, é a vida

Ele diz que seu corpo está velho demais para trabalhar

Seu corpo é jovem demais para ter essa aparência

Minha mãe foi embora e o deixou

Ela queria mais da vida do que ele podia dar

Eu disse que alguém precisava cuidar dele

Então eu parei de estudar e foi isso que fiz

Você tem um carro veloz

Mas é rápido o suficiente para que possamos voar para longe?

Nós temos que tomar uma decisão

Nós partimos essa noite ou vivemos e morremos desse jeito

Levantei da cadeira e comecei a me balançar de um lado a outro em pé, sem parar de cantar, e estiquei minhas mãos para Joshua, que ria da minha atitude.

— Quer que eu dance com você? — perguntou, mas logo estava ao meu lado, se embalando comigo enquanto estalava seus dedos. A covinha estava lá, abanando para mim, me seduzindo. — Eu não deveria estar dançando com a madrinha do casamento.

— Você me deve, não posso voltar para a festa toda molhada e eu simplesmente amo essa música. Preciso dançar, Josh.

Mexi meus ombros de um lado a outro, peguei suas mãos novamente e tracei meus dedos sobre elas, brincando, alisando suas palmas e dedos com delicadeza, mantendo meu olhar fixo no dele.

— Seu namorado não vai ficar com ciúmes de saber que você está dançando músicas sobre carros velozes e fugir por aí com outro cara? — Sua sobrancelha levantou, ele continuava se embalando e, Deus! O cara sabia se movimentar.

Estávamos flertando para valer. Sem qualquer pudor ou restrição, nossos olhares diziam exatamente o que queríamos, a brincadeira era empolgante, e a cada segundo, aumentava o clima excitante entre nós.

— Essa é a sua maneira de perguntar se eu tenho um namorado? — questionei descaradamente.

Eu provavelmente não o veria novamente, então não havia motivos para me frear. Culpe a bebida.

Eu culpei.

— Você é direta. — Foi a sua resposta.

— Para que dar voltas?

Não nos veremos novamente, complementei em pensamento.

Levantei sua mão e girei em meu eixo, como se ele estivesse me virando.

— Bem, então sim, Amy. Eu quero saber se você tem um namorado.

— Não, Josh. Eu não tenho.

— Bom — disse com um pequeno levantar no canto dos lábios.

Seus olhos novamente miraram a minha boca, e eu me perguntei por

que ele não havia me beijado ainda.

*Então se lembre de quando estávamos dirigindo, dirigindo seu carro
Velocidade alta, eu senti que estava bêbada
As luzes da cidade se acendem antes de nós
E seus braços ficam legais em volta dos meus ombros*

*E eu tive, tive a sensação de que pertencia
E eu tive, tive a sensação que poderia ser alguém,
ser alguém, ser alguém*

*Você tem um carro rápido
Mas será que ele é rápido o bastante para você voar para longe?
Você tem que tomar uma decisão
Partir esta noite ou viver e morrer desse jeito*

Quando a música chegou ao fim, a batida de *Under Pressure*, do Queen e David Bowie, começou junto de alguns efeitos remixados que os DJ's adoram fazer.

Josh me olhava com intensidade, parecendo não prestar atenção em mais nada.

— Por que você está me olhando desse jeito? — perguntei num tom

provocativo. Eu imaginava o que ele desejava, assim como tinha certeza do que eu queria.

— Que jeito? — rebateu e se aproximou mais de mim, lambendo os lábios.

Já era, meu coração disparou e meu corpo já estava aguardando por todas as sensações que Josh poderia me proporcionar.

— Como se você quisesse alguma coisa...

— Alguma coisa? — Sua voz era mais baixa e seus olhos continuavam mirando meus lábios enquanto ele chegava mais perto suavemente.

— Alguma coisa que eu tenho... Não sei.

— Você tem algo para mim, Amelia? — *Put a que pariu*, pensei. — Algo que eu queira?

— Eu tenho uma pergunta, na verdade. — Encurtei a distância que ainda existia entre nós, quase colando nossos corpos.

— Sim? — Seu rosto começou a se aproximar do meu.

— Você tem um carro veloz, Josh? — sussurrei minha pergunta quase encostando em sua boca.

E, no momento seguinte, seus lábios estavam nos meus.

Seus braços se enroscaram na minha cintura, me puxando para mais perto, enquanto sua língua fazia o caminho para dentro da minha boca. O beijo era quente, molhado, as bocas, os corpos se encaixavam perfeitamente. Tinha tanto tempo que eu não sentia o encaixe perfeito de um beijo... Era como se nossa dança fosse sincronizada. Não houve dente batendo, lados

opostos. Nosso beijo parecia ensaiado. Como se fôssemos acostumados um com o outro.

Minhas mãos foram para os seus cabelos, tão fininhos, lisos. Caramba, eu queria puxá-los. Deus! Que homem era aquele?

Sem conseguir controlar, soltei um gemido, fazendo com que ele me apertasse ainda mais. Mas o vestido maldito grudado em minha pele não me deixava sentir o seu corpo como eu gostaria.

Ao menos suas mãos e boca sabiam o que estavam fazendo.

— Porra! — Ele resmungou assim que seus lábios saíram dos meus e viajaram para o meu pescoço. — Definitivamente serei demitido.

— Não vai — gemi minha resposta, deixando minhas mãos acariciarem seu pescoço.

— Joshua! — Desgrudamo-nos no momento em que a voz feminina e estridente exclamou não muito longe de nós. — O que está acontecendo com vocês essa noite? Primeiro Evie no banheiro, e agora você na cozinha. Mas que droga! Ninguém leva a sério o código de conduta?

— Desculpe, Julie — pediu, mas não parecia arrependido de verdade.

— Ai... — A voz dela era chorosa. — O que vou fazer com vocês?

Não queria que ele se metesse em apuros por minha causa, então respirei fundo, tentando colocar minha embriaguez de lado, e comentei:

— Eu acho melhor eu ir embora. — Olhei para Josh. — Obrigada pela dança, Josh.

Seus lábios se apertaram como se ele tentasse não sorrir para mim. Dei as costas para os dois e saí da cozinha sem olhar para trás. No caminho

para o estacionamento, sorri ao ver o chafariz.

Maldita chama do amor da sorte.

Quando estava chegando em meu carro, ouvi meu nome ser chamado.

— Amelia! — Olhei por cima do ombro e vi Josh correndo em minha direção. — Esqueci de responder a sua pergunta. — Sem entender do que ele falava, fiquei em silêncio aguardando que dissesse algo. Ele deu um sorriso sacana e concluiu: — Eu tenho um carro veloz. Me deixa te levar para algum lugar.

Eu deveria ter pensado mais antes de responder. A madrinha de casamento fugindo da festa com um garçom daria o que falar para as tias fofoqueiras. Como se o fato de ela estar bêbada e cair dentro do chafariz já não fosse motivo para fofocarem pelo resto de suas vidas. Mas não era apenas aquilo que eu deveria levar em consideração. Eu mal conhecia Josh, precisava ser prudente.

Mas não fui.

Seus lábios ainda levemente inchados pelo nosso beijo e puxados para o lado em sorriso sexy me fizeram relembrar as sensações de segundos atrás. Então, sem pensar duas vezes, eu respondi:

— Vamos.

Capítulo 3

Ele não me levou até a porta de casa. Não deixei. Passava das dez da manhã, e meus pais estariam acordados, com toda a certeza.

Droga, Amelia, consiga logo sua própria casa!

Assim que passei pelo portão, virei em direção ao seu carro apenas para lhe acenar mais uma vez. Um último adeus. Ele prometeu que me ligaria, mas eu não criaria esperança.

Com mais uma olhada, ele assentiu e acelerou seu Mustang GT-qualquer-coisa, que tanto se orgulhava, e foi embora.

Quando fechei a porta e me escorei atrás dela, fechei os olhos tentando controlar tudo que sentia naquele momento. As lembranças da madrugada tentavam invadir minha mente, mas eu as bloqueava até que estivesse em meu quarto, na minha cama.

— Amy? É você? — Ouvi meu pai perguntando da cozinha.

— Sim! Bom dia, pai. Estou subindo.

— Quem trouxe você? Cadê seu carro?

— Você viu quem me trouxe, pai! E buscarei meu carro mais tarde — respondi, sabendo que ele tinha espiado tudo desde o momento em que Josh estacionara próximo ao portão.

— Bem, e quem é o cara no Mustang?

Estaquei no topo da escada ao ouvir sua pergunta e me virei para ele, apenas sua cabeça aparecia para fora da porta da cozinha.

— Um cara em um Mustang — respondi de modo zombeteiro e fiz uma careta. — Apenas um cara em um Mustang, pai.

Meus pais não tinham problemas com quem eu saía, mas desejavam que eu casasse logo. A razão disso? Fergus casam cedo e vivem felizes para sempre. Levando em consideração o grande patuá que sou, meu casamento deveria durar várias vidas.

— Um cara num Mustang? É só isso? — Ainda consegui ouvir meu pai gritando da cozinha, sua voz estava carregada de humor. — Um cara em um Mustang trouxe você para casa de manhã, após uma festa. Tudo bem — resmungou com humor. — Você se protegeu? — Seu tom mudou com a última pergunta.

— Sim, pai. Vou tomar um banho agora. Tudo bem? — Ele assentiu, e sua cabeça sumiu da porta, mas logo retornou.

— Eu apenas estou preocupado, querida, não tem muito tempo que prenderam um estuprador em série. Você viu.

Sim, eu vi. E papai tinha total razão. O caso fora noticiado em todos meios de comunicação. Tudo aconteceu na cidade vizinha, a poucos quilômetros de nossa casa.

— Está tudo bem, pai. Tudo bem. É apenas um cara em um Mustang. — Pisquei e segui pelo corredor, tentando pôr fim aquela conversa. Eu ainda precisava colocar meus pensamentos em ordem antes de qualquer coisa.

— Apenas um cara em um Mustang... — Ouvi papai cantarolar uma última vez, me fazendo rir.

Para ele, sim. Josh era apenas um cara em um Mustang GT. Para mim, era Joshua Keenan. Vinte e seis anos, aspirante a músico — o que

explicava a sua boa performance cantando *Fast Car* —, garçom em eventos por meio período e jogador de basquete amador. Um perfil *bem próximo* ao meu: professora, praticante do sono como esporte e... só.

Não tínhamos descoberto muita coisa um do outro. Aquela era apenas uma noite de aventura, gastar o tempo falando, no lugar de nos beijarmos e aproveitarmos a química maluca que havia entre nós, seria burrice.

Josh me levou ao cais do porto, na região norte da cidade. Quando perguntei a ele se estava tentando me impressionar, ele riu, respondendo que desejava apenas um lugar para passarmos algum tempo a sós. De certa forma, foi imprudente da minha parte sair com ele do casamento, eu não conhecia o cara e simplesmente me deixei levar pela atração e pelo álcool. Papai tinha razão, um estuprador tinha acabado de fazer mais de dez vítimas — por sorte, fora preso há alguns dias.

Mas, uma vez que não estava boiando no mar e Josh tinha feito eu me sentir leve, descontraída, excitada e bem de uma forma que eu há muito não sentia, não conseguia ficar arrependida de ter aceitado dar uma volta no seu carro veloz.

Nós conversamos sobre a minha paixão por músicas antigas, e ele riu quando eu disse que meu sonho de adolescente era usar as mesmas roupas que a Madonna vestia nos anos oitenta. Acabamos percebendo que o visual da Madonna não era tão importante assim naquele momento e que poderíamos aproveitar melhor nosso tempo nos beijando. Apenas nos beijando.

Suas mãos e lábios nunca desceram além do meu pescoço e ombros, mas as bocas se exploravam o quanto podiam, e até o sol nascer tudo o que ouvimos foram nossos suspiros, gemidos, INXS, Eagles, Tracy Chapman... E até Cindy Lauper. Ele fez questão que nossos beijos fossem embalados por

músicas inesquecíveis.

Quando o dia estava ficando claro, aproveitamos o máximo que pudemos antes da pista de corrida próxima ao cais começar a ficar cheia de pessoas, e então ele me trouxe para casa.

— *Aqui.* — Josh me passou seu telefone enquanto dirigia, mantendo a outra mão no volante. Seus olhos fugiam em minha direção rapidamente. — *Coloque seu número para mim. Basta digitar e ligar para você, assim terá o meu também. Eu salvo mais tarde.*

Eu fiquei calada por um momento, não queria criar nenhuma expectativa. O excesso do álcool já tinha saído do meu corpo, e eu estava coerente o suficiente para saber que existia uma grande chance de ele nunca ligar, de que aquele era apenas o velho protocolo para as coisas não ficarem estranhas.

— *Vamos, Amy, me dê seu número. Eu vou ligar para você em breve.*

Desviando meus olhos para o telefone, eu digitei meu número e fiz uma ligação para que ele pudesse salvar mais tarde. Mas fiz isso certa de que ele não ligaria.

Josh acabou não me decepcionando: ele realmente não ligou.

Eu sabia que ele não ligaria quando coloquei meu número naquele

telefone, mas de alguma forma, fiquei triste. Parte de mim tinha esperança de receber uma ligação. Sei lá... As sensações que ele me proporcionou apenas com a sua companhia, suas carícias contidas e seus beijos me fizeram querer vê-lo novamente. Tudo aquilo me fez desejar que nos encontrássemos mais uma vez.

Duas semanas depois, eu ainda pensava nele. Lembrava de seus olhos sorridentes, mesmo nos momentos em que estava sério, e de como suas mãos eram cuidadosas e firmes ao passearem pela parte nua do meu corpo. Deus! Seu beijo era tão bom, encaixava. Até mesmo o hálito e a textura de sua boca eram compatíveis com os meus. Mesmo seus suspiros, quando estávamos nos beijando durante muitos minutos, eram gostosos de ouvir e sentir.

E o seu gosto musical? Ele cantou Tracy Chapman para mim... Bem... comigo. Dançou *Fast Car*, não ficou apenas me olhando como se eu fosse uma maluca. Ele foi maluco comigo. Joshua foi fácil, tornou tudo fácil.

Fácil de conversar, de olhar, beijar e...

Sim, seria um cara fácil de se apaixonar também. Mas ele não ligou, então a alternativa era seguir em frente, mesmo que as lembranças daquela noite continuassem indo e voltando em minha mente.

— Vamos no JJ Pub hoje? — Della, minha amiga e colega de trabalho, convidou enquanto olhávamos as crianças brincarem na hora do recreio. Era sexta-feira, e eu gostei do convite. Seria interessante relaxar, ouvir boa música, flertar e beber algo. Não sabia o que era uma bebida desde o casamento.

— Gostei da ideia. Estou precisando de um pouco de álcool para relaxar — respondi enquanto analisava a brincadeira de quatro alunos, eles eram ninjas lutando contra o mal, vilão este representado por uma árvore. —

Preston Nashville vai arrebentar a mão na árvore novamente.

— Juro por Deus, não sei por que escolhi essa carreira! — Della bufou e caminhou rumo ao menino. — Preston! Preston, querido, o que falamos sobre maltratar as árvores e machucar suas mãos? — Sua voz era exageradamente doce quando falou com o pestinha, como ela secretamente se referia às crianças. Della não nasceu para ser professora, muito menos de crianças, mas acabou se formando e exercendo a profissão mesmo assim... Vai entender!

Eu, por outro lado, gostava do que fazia. Lidar com crianças foi a minha paixão desde muito nova. Fui babá assim que tive idade o suficiente e nunca pensei em outra opção na hora de escolher uma carreira. Era cansativo, mas também era uma alegria para mim. Todos os dias eu aprendia algo com aquelas pequenas mentes brilhantes. Do jardim de infância até a quinta série havia pequenos “professores” que me davam aulas valiosas e hilárias.

Eu sempre aprendia algo novo sobre algum super-herói.

Senhorita Fergus, você sabia que a Mulher Maravilha na verdade não foi feita para casar com o Superman? Ela é a namorada do Batman. Vi na Liga da Justiça.

Aprendia sobre dinossauros?

Senhorita Fergus, o Rex não foi o maior predador dos dinossauros, nem o maior. Foi o Espinossauro.

Aprendia sobre a educação que eles recebiam em casa:

Estou muito triste, senhorita Fergus, minha mãe me proibiu de assistir a Netflix por uma semana porque eu estava assistindo O Brinquedo Assassino em sua conta.

Eram novidades cada vez mais elaboradas a cada ano que passava. O velho bordão do filme Um Tira no Jardim de Infância, no qual o garotinho chegava para o Sr. Kimble, personagem do Schwarzenegger, e dizia “os meninos têm pênis e as meninas têm vagina” estava mais do que ultrapassado. Os pequeninos diziam coisas absurdas, como receitas inteiras de *cookies*, citavam todos os dinossauros existentes e do que se alimentavam ou ainda comentavam sobre a vida amorosa de seus heróis favoritos.

Eu me divertia demais com aquelas crianças.

Quando Della voltou a sentar ao meu lado, bufou e gritou em direção às crianças:

— Chega de socos e árvores! Ninguém mais é herói hoje, vocês são todos, hum... Todos vegetais. Finjam que são vegetais em uma plantação. Isso! Batatas. São todos batatas.

Ri enquanto ouvia a tentativa, certamente falha, da minha amiga em controlar seus alunos.

— Você não me contou sobre o casamento.

Era a vez de número não sei qual que ela me interrogava sobre o casamento de Luke e Jenna. Eu sempre contava sobre os casamentos em que eu era pé de coelho, e ela sabia da minha decisão sobre aquele ser o último casamento em que eu seria madrinha, mas as minhas escapadas para não falar do assunto a deixaram mais curiosa.

— Não há nada para contar. Foi como qualquer outro casamento.

— Se foi, por que não me conta? Sabe que adoro casamentos. — Empurrou.

— Tudo bem. Foi bonito — iniciei. — Foi no salão da senhora Kato.

— Amo aquela fonte de velas! — Della falou enquanto batia palmas.
— Quero me casar lá.

— É um chafariz. Eu acho.

— Que seja. Mesma coisa. Todas as mulheres da cidade querem casar lá — Revirei meus olhos, entediada. — É lindo. E dizem que traz sorte.

— Dizem que eu trago sorte também — desdenhei da sua superstição.
— Além do mais, não foi de muita sorte para mim. Eu caí dentro do chafariz.

— O quê? — Della gargalhou imediatamente.

— Bati em Josh e acabei me desequilibrando. Foi uma bagunça...

Comecei a explicar, mas Della levantou a mão imediatamente. Olhando para as crianças, ela analisou se todos estavam bem em suas formas vegetais antes de voltar a sua atenção para mim.

— Espera, quem é Josh?

— Um garçom qualquer que estava lá.

Qual é? Eu estava tentando desdenhar de alguém que beijei por horas, até o dia raiar, para a minha amiga? Ela me conhecia. E no momento em que eu falei dele, meu sorriso bobo escapou.

— Se é um garçom qualquer, por que você sabe o nome dele? — Seus olhos diminuíram enquanto ela me analisava.

— Ele é um garçom, esbarrei nele, ele me ajudou... — Dei de ombros antes de continuar. — E ficamos juntos.

Della ofegou e exclamou:

— Eu sabia! Foi bom? Como aconteceu? Continuam saindo?

— Sim! Nem eu sei e não — respondi suas perguntas respectivamente. Mas se dissesse que gostaria de dar uma resposta diferente para a última pergunta de Della, estaria mentindo. Foi apenas uma vez que Josh e eu estivemos juntos, mas o suficiente para me fazer querer mais. Sentir falta dele.

— Detalhes — exigiu, se ajeitando no banco ao meu lado. Olhei as crianças mais uma vez e respirei fundo. — Você tem doze minutos antes do intervalo terminar.

— Tudo bem...

Capítulo 4

O vestido vermelho delineava meu corpo valorizando o que precisava, com exceção dos meus seios. A única coisa que valorizaria meus seios seriam próteses mamárias. Meus peitos eram pequenos e mal enchiam meu sutiã tamanho P. Meu corpo era simples, pesava cerca de sessenta quilos, às vezes menos, na maioria das vezes mais. Meu bumbum era decente, assim como minhas pernas, mas meus seios eram simples, necessitavam de artifícios para que ficassem apresentáveis. No caso do vestido que usava para ir ao JJ Pub naquela noite, eu precisava de um sutiã *push up*, mas o único naquele estilo que eu tinha estava lavando, então nada de seios avantajados para mim.

Meus cabelos eram cacheados, com cachos grandes e abertos, facilmente modeláveis. Eram castanhos, em um tom chocolate, assim como meus olhos. Optei por deixá-los soltos, mas peguei um elástico fino e discreto e coloquei no pulso esquerdo, entre minha pulseira e relógio, para quando o calor no Pub fosse demais.

Eu me maquiei para valorizar os olhos e lábios e compor o look do vestido escolhido. Olhos esfumados em um tom terra, delineador estilo gatinho, várias camadas de rímel, batom rosa claro e iluminador nas áreas certas. Enquanto colocava os sapatos, altos, porém confortáveis, recebi uma mensagem de Della dizendo que estava chegando. Pedi mais alguns minutos e logo descí.

— Olha como ela está bonita. — Minha mãe elogiou enquanto recebia do meu pai uma xícara de café.

Gina Fergus era uma senhora chegando aos cinquenta anos e com a

beleza da juventude ainda presente. Mamãe gostava de ser do lar... Ou ela simplesmente não tinha outra opção, afinal eu era a mais nova de cinco meninas. Como ela trabalharia fora? Mas mamãe nunca se queixou ou mesmo demonstrou cansaço.

Meu pai, por outro lado, parecia pirar cada vez mais à medida que suas meninas cresciam. Viver em uma casa com seis mulheres não era fácil. Acho que esse era um dos motivos para seu desejo de que eu me casasse logo. Quando eu finalmente saísse de casa, ele teria a paz que precisava para viver a vida com a mamãe. Todas sabíamos que papai nos amava e protegia, mas também enlouquecia com nossa presença.

Embora ele fosse um homem que respeitava as decisões das filhas e confiava na criação que nos dera, se preocupava com cada uma de nós. Mesmo com as minhas irmãs, já casadas. Mas isso não evitou que cada um dos meus cunhados sofressem um pouco nas mãos de Felix Fergus. Era só um rapaz ser apresentado oficialmente como namorado, que meu pai começava a infernizar o pobre, só para ver se ele aguentaria a nossa família. Era engraçado.

Anne dizia que eu achava aquela situação divertida só porque nunca namorei ninguém que fosse importante de verdade para mim.

— Vai a algum lugar, querida? — Mamãe perguntou com um sorriso satisfeito, me tirando dos devaneios sobre nossa família. Ela amava nos ver arrumadas.

— Vou ao JJ Pub com Della. — Beije papai no caminho e passei por mamãe para fazer o mesmo.

— Divirta-se. Vai de carro? — Papai perguntou. — Se for e quiser beber, me ligue.

— Vou com Della, ela disse que não beberá essa noite.

— Ela sempre diz isso. — Ele resmungou, e minha mãe concordou.

— Eu pego um Uber. Não se preocupe — garanti, me despedi dos dois e saí de casa.

Assim que entrei no carro de Della, não pude conter um assovio longo.

— Você pretende fazer quantas vítimas hoje, garota? — perguntei, analisando seu look e tentando controlar um pouco da inveja que eu sentia dos seus peitos enormes. Sua minissaia de couro, sandálias altas e blusa extremamente decotada garantiriam tentativas de bebidas grátis por toda a noite.

Della era loira, com um corpo magnífico e um rosto que colocava Kim Basinger, na época de Batman – O Retorno, no chinelo.

— Olha quem fala! Você está um arraso — elogiou de volta, mas eu discordei, já que mesmo produzida, ainda não chegava a estar tão bem quanto ela. Ainda mais sem meu...

— Onde está o *push-up*?

Viu? Dá para ver o que falta em meu corpo.

— Lavando. Só tenho um.

— Precisa comprar pelo menos mais dois — sugeri em tom de reprovação.

— Não me diga, *Winny*... — brinquei, e ela bufou enquanto ligava o carro e retrucou:

— Não me chame pelo nome da sua irmã megera.

Winny estava mais para abelhuda do que para megera. Mesmo casada e longe de casa, ela pensava que mandava em mim, e era a irmã mais empenhada em me casar. Dizia que minha vida de farra e baladas com Della não me levaria a nada.

— Vamos logo, estou louca por uma bebida — incentivei para que ela desse a partida no carro logo.

**

O JJ Pub era um point na cidade, fervia de gente durante dois dias na semana, sexta e sábado — nos outros dias, abria somente para almoço. Especificamente na sexta-feira, o *pub* parecia uma lata de sardinha apertada. Uma lata de sardinha com boa música, ao menos. Música antiga.

Assim que cheguei, logo reconheci *I Remember You*, da banda *Skid Row*, e entrei no clima. Della e eu iniciamos nossa odisseia pelo mar de pessoas para nos aproximarmos do bar e pedir algumas bebidas.

— Pensei que hoje teria show ao vivo! — gritei por cima da música para que minha amiga me escutasse.

— Chegamos depois do horário, pode ter terminado! — justificou, dando de ombros.

Quando finalmente alcançamos o balcão, tive o meu primeiro flerte da noite.

— Olá! — Ele disse, olhando diretamente em meus olhos. O homem loiro, corpulento e alto já ganhara pontos apenas por não me analisar dos pés à cabeça como se eu fosse algo comestível. Seu sorriso era simpático, seus olhos, muito azuis e sua barba, um pouco ruiva. Era quase como se ele fosse

irlandês.

— Oi. — Sorri para ele, desviando meu olhar rapidamente para Della, que piscou aprovando.

— Posso lhe oferecer uma bebida? — perguntou, direto.

— Acabei de chegar... — Deixei a frase no ar para que ele me dissesse seu nome.

— Ken.

Puta merda, eu só conseguia pensar no boneco Ken da Barbie. Por que eu estava pensando no namorado da Barbie? Tive que me segurar para não rir quando respondi:

— Acabei de chegar, Ken, acho que vou curtir um pouco com a minha amiga aqui.

— Oh! — Ele olhou para trás e deu de cara com Dell sorrindo. — Desculpe. Quem sabe, então, mais tarde você queira dançar comigo? — Seu sorriso amistoso não esmaeceu quando educadamente lhe neguei o flerte. Isso fez com que ele ganhasse mais pontos comigo, então assenti e pisquei para ele.

Ken se despediu, então me reaproximei de Della.

— Ele é bonitinho — disse enquanto o cara saía. Ela bateu palminhas animadas para mim enquanto sorria. Revirei os olhos para a sua empolgação.

Sim, ele era. Alto, másculo, com aquela barba e corte de cabelo da moda, parecendo um lenhador, e ainda por cima simpático. Mas a noite tinha acabado de começar para mim, queria me divertir com a minha amiga antes.

— Se ele voltar, aceitarei a bebida. Mas o nome dele é Ken.

— Tipo o namorado da Barbie! — exclamou gargalhando. Que bom que alguém me entendia. — Mesmo assim, ele é gato.

Assenti, risonha, e fiz sinal para o barman se aproximar.

— Duas cervejas, por favor — pedi, e logo as *long necks* foram servidas.

Nós tentamos conversar um pouco, mas a música estava boa demais, então ficamos em um canto nos embalando e rindo. Della dispensou dois caras antes de se entregar ao terceiro e ir dançar com ele. Eu, por outro lado, me mantive no mesmo lugar, quando de repente a música parou, e cordas de violão começaram a ser dedilhadas.

— É isso aí, pessoal, voltei! Se divertiram no intervalo?

Aquela voz, estranhamente familiar, me deixou curiosa. Tentei olhar para o dono da voz, mas havia muita gente na minha frente, então me concentrei em continuar somente escutando suas palavras.

— O segundo set é mais antigo, espero que apreciem.

Algumas pessoas assobiaram e gritaram quando os acordes de *Fast Car* começaram a ser tocados. Naquele momento, tive certeza de que era ele. Era Josh. Imediatamente levei a mão em meu peito, parecia que meu coração voaria para fora. Engoli em seco e com força, me sentindo um pouco desnorteada quando a música parou e ele falou novamente:

— Essa música não costumava entrar no meu set, mas eu acabei colocando em meu repertório recentemente. Eu... tenho uma história com ela.

Imediatamente comecei a abrir caminho entre as pessoas, procurando pelo palco. Tinha muita gente no meio, mas eu não parei, precisava confirmar quem era o dono daquela voz. Josh voltou a cantar, fazendo com que eu

sorrisse, não acreditando que ele estava lá, cantando a música que embalou a nossa noite maluca.

Eu tirei da minha frente cada pessoa que estava no caminho, inclusive Della. Nada importava naquele momento, somente chegar ao palco.

— O que foi? — Ela perguntou enquanto eu tentava forçar a passagem.

— Josh está aqui — respondi e não parei para observar sua reação.

— Josh? O afogador?

— Sim — respondi, quase gritando por cima do ombro.

— Vai lá, garota! — exclamou minha amiga animadamente enquanto eu empurrava cada pessoa que bloqueava meu destino.

Quando finalmente estava mais próxima do pequeno palco, me deparei com a bela e imponente figura dele. Não mais vestido de gravata borboleta e camisa branca, como um garçom, mas sim em jeans surrados, camiseta preta colada em seu corpo e botas. Seus cabelos estavam bagunçados, e a barba, por fazer. Jesus! Ele parecia um rockstar. Sua atitude desleixada enquanto dedilhava as cordas do seu violão o fazia parecer ainda mais sexy.

Puta que pariu!

Estava cantando *Fast Car* e disse que tinha história com a música. Ele estava tocando por nossa causa? Tinha que ser!

Mas se ele pensava em mim, por que não me ligou?

Ele continuava tocando, e a pequena multidão acompanhava. Seus olhos estavam fechados enquanto ele entrava no refrão. Não me contive e

gritei seu nome o mais alto que pude para que pudesse sobressair à música:

— Josh!

Seus olhos imediatamente se abriram, e ele começou a olhar para todos abaixo do pequeno palco, procurando quem havia chamado seu nome. Ele lembrava da minha voz?

— Josh! — gritei novamente e ergui meus braços. Foi quando seus olhos me encontraram.

Seu rosto me dizia que ele estava assustado e feliz ao mesmo tempo por me ver. Ele continuou cantando, mas sem desviar a atenção de mim enquanto tocava com mais energia. Sua boca estava próxima ao microfone, mas sua atenção continuava só minha. Sem desviar dele, também acompanhei e cantei a música toda.

Assim que terminou, ele caminhou até mim.

— Espere aqui, por favor. Não vá! — Seu sorriso era largo, e seus olhos brilhavam. Ele realmente parecia feliz em me ver. — Não vá, Amy.

— Não vou — prometi com firmeza.

Voltando para o microfone, Josh ignorou as palmas e assobios do público e começou a próxima canção. Era Bruce Springsteen, *Tougher Than the Rest*. JJ gostava de música antiga, mas a forma com que Josh me olhava dizia que a sua escolha de repertório fora feita para mim, e não para o dono do *pub*.

Que loucura, Amelia. Se ele estivesse mesmo na sua, teria ligado, pensei. Mas a sua atitude, a forma como ele falou comigo, e mesmo quando ele cantou *Fast Car*, tudo isso me dizia que só poderia ser verdade. Que ele estava pensando em mim da mesma forma que eu estava pensando nele nas

duas últimas semanas.

“Mas então por que ele não ligou?”, a voz impertinente em minha cabeça questionou.

Eu não sabia a razão de ele não ter ligado, mas descobriria. Talvez eu tenha sido boa o suficiente para ele incluir uma música que fazia se lembrar de mim em seu *setlist*, mas não passava disso. Porém, não me importei, Josh parecia gostoso demais tocando aquele violão para que eu desistisse dele naquele momento.

**

Joshua saltou do palco assim que depositou o violão em seu pedestal e foi direto em minha direção. Eu esperava um “oi, Amelia, tudo bem?”, então seu cumprimento me surpreendeu: me pegando em seus braços, Josh beijou meu rosto e me abraçou com força.

— Eu estava querendo ver você de novo — disse bem próximo ao meu ouvido. A reação foi quase como se ele tivesse beijado os meus lábios.

Então por que não ligou?

Minha pergunta foi apenas pensada, mas Josh pareceu ouvir, pois logo a respondeu:

— Meu telefone estragou no dia seguinte, quando fui receber o pagamento pelo trabalho no casamento em que nos conhecemos — ele me olhou atordoado quando nos separamos. — Amy, eu estava esperando pelo gerente em frente ao chafariz, peguei meu telefone para atender a uma ligação e ele foi para dentro da água. Quase não pude acreditar.

Eu ri por causa da maldita coincidência e do castigo dele por ter me derrubado.

— Isso é que eu chamo de lei do retorno — brinquei, fazendo-o bufar e rir.

— Nem me diga! Fiquei furioso. E quando consegui fazê-lo funcionar, as ligações feitas haviam desaparecido. Por que não ligou, Amy?

O que eu diria para ele? Que eu tinha tanta certeza de que não o veria novamente, que sequer pensei na possibilidade de ligar? Que imaginei que se ele realmente me quisesse, teria ligado?

Minha resposta foi um dar de ombros, e ele se aproximou novamente para falar em meu ouvido:

— A menos que você não tivesse interesse em me ver, Amy. — Embora o barulho fosse alto, eu podia ouvir o tom sexy de flerte em sua voz.

Foi quando eu descobri que na primeira vez em que fiquei com Josh, não fora a bebida a responsável por ter me feito flertar como se nos conhecêssemos desde sempre. Não foi a bebida que me deu coragem para sair com ele.

Foi ele.

Sua hipnose. Seus belos olhos, fala mansa, charme... Tudo.

Sem pensar mais sobre o assunto, aproveitei que Josh já estava curvado em minha direção e virei minha cabeça, beijando seus lábios.

Eu sempre pensei sobre beijos e seus gostos. Alguns caras que beijei tinham gosto de chiclete, outros de cerveja, um ou dois tinham gosto de comida, mas o gosto do beijo de Josh era de saudade.

Já havia sentido isso por alguém e até senti saudade de caras que namorei. Conhecia a sensação, mas me espantou sentir aquilo por alguém com que eu tive apenas uma aventura de uma noite.

Joshua não vacilou quando o beijei, pelo contrário, seus lábios pareciam tão saudosos quanto os meus, a textura das línguas era tão compatível, que eu podia sentir a intensidade daquele beijo em todo o meu corpo. Suas mãos apertaram o tecido do meu vestido nas costas, e seu corpo se aproximou e se colou ao meu. Eu pude sentir o seu suspiro, parecia aliviado por estar comigo naquele momento e, sendo honesta, eu também me senti daquela forma. Aliviada.

Todas as dúvidas que rondavam minha mente nos últimos quinze dias tinham ido embora. Josh não me devia nada, mas foi bom saber que ele não deixara de ligar porque quis, mas sim porque estava impossibilitado. E pelo beijo que trocamos quase de imediato, acho que a atração entre nós não era apenas algo de momento.

**

Voltamos para o bar e pedimos mais cerveja. Sentei em um dos poucos bancos espalhados ao longo do grande bar enquanto Josh se manteve entre minhas pernas. Era íntimo e confortável estar daquela forma, como se tivéssemos feito aquilo muitas vezes antes. Bebendo sua cerveja, Josh me olhou e sorriu enquanto mantinha o gargalo da garrafa em seus lábios. Seus olhos intensos queimavam os meus quase a ponto de me fazer desviar.

— O que foi? — perguntou assim que descansou a garrafa de cerveja no balcão.

— Nada! — Ri tentando não parecer boba demais, mas ele me afetava e eu sabia disso.

— Você não parecia tímida quando nos conhecemos. — Sua voz carregava malícia ao dizer aquelas palavras.

— Em minha defesa, eu estava embriagada — fingi um tom chocado.

— Você não estava embriagada a noite toda, *pé de coelho*. — Piscou, me fazendo estreitar os olhos em descontentamento.

Quem disse que eu não estava embriagada, cacete? Ele conseguiu me deixar mais louca do que o álcool.

E lá estava ele usando a porra do apelido que eu odiava.

— Não me chame assim — bufei, pegando minha cerveja, mas antes que eu a levasse aos lábios, ele me beijou rapidamente.

— Você fica uma gracinha quando está contrariada.

Revirei meus olhos, contrariada, mas voltei a beijá-lo.

— Você tocou *Fast Car* — afirmei assim que nos separamos e cutuquei seu peito com meu dedo indicador, o provocando.

— Eu toquei.

— Foi para mim — disse, e não foi uma pergunta.

— Sim, foi. — Beijou meu nariz sem tirar seus olhos dos meus. — Eu tenho tocado muito aquela música.

Meus lábios se contraíram em um sorriso bobo e tímido. A sensação clichê, imatura e não menos gostosa de borboletas batendo asas em meu estômago logo me arrebatou, me deixando preocupada ao experimentar aqueles sentimentos precipitados.

O toque dele causava uma sensação que eu já conhecia, é claro que sim, de quando me apaixonei por um menino da escola, aos quinze anos, e beijei um garoto para valer pela primeira vez. Com direito a língua, gemidos e arrepios.

Só que quando temos quinze anos e nos apaixonamos no primeiro ou segundo encontro, tão rapidamente, sentimos orgulho por isso. Aos vinte e três anos, porém, era bobo e irreal que eu me apaixonasse por Josh, então eu tratei de concluir que aquilo só podia ser resultado da nossa incrível e absurda química.

— Você tem? — incentivei que ele falasse mais sobre a música que vinha tocando.

— Sim, na mesma proporção em que eu tenho pensado em você, Amelia *pé de coelho*.

E então... Mais beijos. Até que Della nos encontrou.

— Olá! — cumprimentou sem deixar de analisar Josh.

— Dell, este é Joshua. Josh, esta é Della, minha amiga e companheira de trabalho.

— É um prazer, Della.

— Acredite, querido, o prazer é todo dela — insinuou, apontando para mim e olhando como se Josh fosse uma barra grande de *Toblerone*.

— Della! — exclamei. — Se liga!

Minha amiga indiscreta deu de ombros e se virou para mim:

— Encontrei Aaron, vou para casa com ele. Quer meu carro para voltar? — Seus olhos desviaram para Josh como se ela já soubesse a minha

resposta.

— Eu... hum...

— Eu vou levá-la para... — Josh entrou na conversa, mas parou de falar e me olhou, como se quisesse alguma resposta antes de continuar sua sentença.

Eu apenas assenti com a cabeça. O que quer que ele dissesse eu estava de acordo. Mentir para quê?

— Eu vou levá-la daqui. — Terminou a frase, fazendo Della piscar exageradamente para ele antes de me abraçar.

— Ele tem irmão? — Ela piscou seus grandes cílios postiços em um flerte descarado para Josh enquanto esquecia completamente que Aaron estava levando-a para sua casa.

Quando prestei atenção em Josh, notei que parecia ter um sorriso tenso nos lábios, como se não tivesse gostado do que havia escutado.

— Vá embora, Dell — resmunguei de volta.

— Sim, senhora! — exclamou, risonha, se separou de mim e acenou para Josh. — Prazer em conhecê-lo. Só não tente matar a minha amiga afogada desta vez.

E, dizendo isso, ela se foi, fazendo Josh voltar a sua atenção a mim e ao assunto em que estávamos antes.

— Você também pensou em mim. Falou sobre como nos conhecemos para a sua amiga — afirmou com um tom alegre em sua voz, como se estivesse satisfeito com aquela constatação.

Bem, dã!

Claro que eu pensei nele! Como não? Esquecer o que ele foi capaz de fazer comigo apenas com os seus lábios? Nunca!

Girei em meus calcanhares para encará-lo. A tensão de segundos atrás não estava mais lá. Revirei os olhos para ele.

— Claro que falei, ela é minha amiga.

— Eu gostei que você tenha falado de mim — respondeu e me beijou rapidamente antes de falar: — Tudo bem, Pé de Coelho, para onde meu carro veloz e eu a levaremos essa noite?

Capítulo 5

— Que tal a sua casa? — perguntei, deixando de lado qualquer protocolo existente no código de conduta inventado para a mulher não transar antes de cinco encontros.

Nesse código de conduta, itens como “não se depile”, “use calcinha velha” e “diga que está menstruada” estavam no topo da lista. Mas a minha vontade de pular em Joshua e transar com ele a noite toda era maior e o fato de eu não estar dando “*checked*” em nenhum dos itens cagados dessa lista me levavam a acreditar que eu deveria fazer o que desejava, e não seguir um protocolo que me deixaria frustrada depois.

Exatamente como fiquei nas duas últimas semanas quando não levantei todas as camadas de tecido cafona do vestido de madrinha e simplesmente transei com ele em seu carro.

— Hum... Estou em transição entre casas agora — admitiu, e eu levantei a sobrancelha, confusa. — Sim, eu, hum... Eu não morava na cidade até um mês atrás. Ainda estou me adaptando.

— Mas você disse que nasceu aqui, eu apenas pensei...

— Não conversamos tanto naquele dia. — Ele riu. — Sim, minha família é daqui, mas meus pais se divorciaram quando eu era muito novo ainda. Minha mãe saiu da cidade, e fui com ela. Meu pai se casou novamente... — Sua voz foi interrompida, e ele olhou para além de mim. — Posso ajudá-lo? — Josh perguntou, e me virei para ver com quem falava.

— Eu vim oferecer a minha bebida. Combinamos...

Era Ken, o cara que havia flertado comigo mais cedo. Ele estava visivelmente alterado, já não parecia mais o sedutor Ken.

— Bem, pergunte a ela. — Josh apontou para mim com o maxilar travado e os olhos ferozes para o homem em nossa frente, mas eu podia ver o seu esforço para não aparentar insatisfação.

— Ken, obrigada. Mas como pode ver, estou acompanhada.

— Mas você disse que tomaria uma bebida comigo... — O homem parecia estar ficando bravo, e eu não daria a chance de uma cena, já que Joshua parecia bem tenso também.

— Desculpe, mas estamos de saída, talvez outro dia, Ken. — Peguei a mão de Josh e o puxei para longe do bar e em direção à saída.

Quando saímos para a noite, Josh começou a falar imediatamente:

— Você realmente ia sair com aquele cara? — Seu tom era incrédulo.

Não respondi, apenas o puxei para mim e pulei em seu pescoço para que conseguisse alcançar seus lábios.

— Esqueça o cara, eu quero ficar com você essa noite, Josh.

— Vamos para a sua casa então — propôs.

— Eu moro com os meus pais — disse entre beijos. — Apenas me leve para um hotel...

Ele gemeu ao ouvir o meu pedido e me ergueu em seus braços, minhas pernas circularam sua cintura, e um ar gelado subiu por baixo do meu vestido, sendo rapidamente substituído por mãos quentes e levemente ásperas.

Josh, sem parar de me devorar com seu beijo apaixonado, andou até

seu carro e me deixou escorregar pelo corpo até que meus pés estivessem no chão novamente. Mais um beijo, e então ele abriu a porta para mim.

No momento em que ele entrou e bateu a porta do carro, me olhou com firmeza.

— Você tem certeza que...?

— Eu tenho certeza... — interrompi para que ele soubesse quão certa eu estava.

— Eu te levaria ao meu apartamento, mas está uma bagunça com toda a mudança.

— Apenas me leve para algum lugar, Josh — pedi, ansiosa.

Sua expressão era de quem estava achando graça na minha atitude. Mas pudera, se apenas nos beijando, eu sentia tudo o que estava sentindo, imagine como seria quando estivéssemos transando?

Ele fez o caminho pelas margens do rio enquanto dirigia acima do limite da velocidade. Fiquei analisando as faixas de luz brilhante sobre as águas calmas. Era como um tecido, um veludo. Dava a sensação de que a água era cremosa.

— Abra o porta-luvas — pediu sem tirar os olhos da estrada. Abri e me deparei com um caixa. — Tire e abra.

Fiz o que ele disse e me deparei com vários pen-drives, de todos os tipos e cores.

— O que é isso? — perguntei, mexendo na caixa.

— Procure pelo seu nome.

— O quê?

— Deve estar por cima, apenas procure pelo seu nome — incentivou com empolgação.

Revirei a caixa, olhando os nomes etiquetados nos pen-drives. Nomes como: *românticas*, *rock's melódicos*, *medleys*, *singles* apareciam escritos em caneta preta. Até que vi meu nome: *Amy*.

— Você fez uma playlist para mim? — Olhei para ele, que mantinha a atenção na estrada, mas seus olhos desviaram por um momento e um pequeno sorriso apareceu em seus lábios.

— Eu disse, passei muito tempo pensando em você, Amelia.

Sem pedir permissão, retirei o pen-drive plugado no equipamento de som e em seguida conectei o que tinha o meu nome. A primeira música da lista era *All Through the Night*, da Cindy Lauper. Bati palmas, animada, ouvindo a canção.

— Como você consegue saber das músicas que eu gosto? Tudo bem, eu disse algumas coisas, mas não o suficiente para você saber que essa é uma das minhas músicas favoritas.

— Não é muito difícil saber sobre o seu gosto musical, conversamos sobre isso na noite em que nos conhecemos.

Finalmente ele estava diminuindo a velocidade e virou na rodovia, entrando em uma estrada mais escondida. Reconheci o local.

— Estamos indo para o hotel perto do lago? — perguntei, animada.

— Sim — respondeu enquanto entrava na estrada rodeada por árvores.

Enquanto ouvia Cindy Lauper tocar, fiquei descaradamente analisando o rosto de Joshua Keenan enquanto ele se concentrava em dirigir.

Seus lábios acompanhavam a música silenciosamente, e seus dedos batiam no volante como se estivesse treinando, dedilhando as cordas do seu violão, talvez.

**

Quando Josh estacionou seu Mustang, não esperei por ele para abrir a minha porta, apenas saltei para fora do carro e aguardei que desse o próximo passo. Contornando o veículo, ele foi até mim e me olhou por alguns instantes antes de esticar sua mão para que eu pegasse. Quando o fiz, nossos dedos se entrelaçaram, e sorrimos um para o outro, como se estivéssemos prontos para uma grande aventura juntos.

Bem, estávamos juntos naquele momento, e era uma grande aventura. Então acho que nossas reações estavam corretas. Caminhamos em silêncio até a pequena e bem decorada recepção e Josh tomou a frente, pedindo um quarto. O homem que estava nos atendendo olhou por um momento, analisando a nossa interação.

— Queira desculpar, senhor, mas é meu dever alertá-los que este é um ambiente familiar e...

— Veja bem, eu e minha namorada aqui... — Josh começou a explicar para o recepcionista antes que ele continuasse a dizer o que sabíamos que ele diria: ali não era motel de beira de estrada.

Eu podia entender o alerta, não tínhamos bagagem, estávamos com roupa de festa e estava escrito na testa de ambos que queríamos transar. O fato de Josh me chamar de namorada não passou despercebido, é claro que

ele estava se referindo a mim daquela forma para deixar mais respeitável o nosso objetivo ali. Mesmo assim, não pude deixar de me sentir, eu não sei... satisfeita?

— Estávamos em uma festa aqui perto e não queremos atravessar toda a cidade dirigindo, acabamos bebendo demais, é perigoso. Só queremos um lugar para passar a noite. Tenho certeza que você entende.

Então a fala mansa de Josh não era apenas comigo. Aparentemente ele tinha este charme e não conseguia evitar que exalasse por seus poros. Segurei o riso ao perceber que rapidamente o atendente virou cúmplice de Josh.

— O quarto do segundo andar no final do corredor é mais recluso. Sejam bem-vindos e fiquem à vontade.

Ao chegarmos no quarto, comecei a analisar o tamanho, a decoração, o cheiro, até a cor do carpete. Era tudo em tons neutros, branco, creme, móveis em tabaco. Janela grande...

De repente, eu estava nervosa. Por quê?

Eu queria tanto estar com ele.

Josh me abraçou por trás e beijou o meu pescoço, me fazendo saltar e dar um passo para frente.

— Está tudo bem? — Seu tom era baixo e rouco quando perguntou, mas eu podia perceber um pouco de preocupação em sua voz.

— Está! — Meu tom, no entanto, era esganiçado, como de uma galinha louca, ou algo parecido.

— Não parece que está. — Suas grandes e firmes mãos tocaram meus braços e me viraram para que eu ficasse de frente. — Nós não precisamos

fazer nada, Amy, se está preocupada, nervosa...

Sim, eu estava tudo isso. Só não entendia o motivo.

Eu já havia feito isso antes. Sexo com conhecidos, sexo com não tão conhecidos. Eu teria feito sexo com ele na noite do casamento de Jen e Luke. Por que, então, eu estava tão nervosa?

Era apenas sexo.

Sexo com Josh.

Era isso? O sexo com *ele* estava me dando tanto medo?

— Eu estou bem — sorri, tentando não parecer mais tão nervosa, mas Josh não acreditou, sua sobrancelha arqueou e ele me analisou em dúvida por um momento, porém assentiu.

Joshua sentou na ponta da cama, tirou os sapatos e as meias e deitou em seguida, relaxando.

— Venha, deite aqui ao meu lado, vamos conversar.

Eu fui até ele e fiz o que pediu, empurrando meus sapatos com as pontas dos meus pés. Olhamos um para outro e sorrimos.

— Olá, *Pé de Coelho*.

— Não me chame assim, cantor — retruquei. — Mas, olá!

— Opa, cantor? Era uma piada? — Ri e neguei com a cabeça. — Bom, porque não foi um insulto para mim.

— Eu imagino que não mesmo. Você parecia satisfeito cantando hoje.

E lindo, e muito, muito gostoso.

Mas não falei aquela parte.

— É o que amo fazer.

— Então por que você está aqui, e não em uma cidade grande? O que te prende aqui?

Os olhos de Joshua endureceram, mas ele se esforçou para retornar ao humor de antes.

— Boa pergunta, Amy. Mas me diga: por que você odeia tanto casamentos? — perguntou, trazendo à tona a breve conversa que tivemos na noite em que nos conhecemos.

— Eu não *odeio* casamentos. — Fiz uma careta. — Apenas estou cansada de ir em todos como se fosse um maldito...

— Pé de coelho.

— Sim! — exclamei rindo, mas um pouco revoltada também. — Talvez, um dia, eu volte a frequentar casamentos como madrinha, mas não por um tempo.

— Ou como noiva — emendou, Josh.

— Ou como noiva — repeti, dando uma risada. — Ou como convidada. Qual é o problema das pessoas, que não me convidam para seus casamentos apenas para beber e dançar?

— Veja pelo lado positivo, elas gostam de você.

— Nem todas, é sobre ter sorte. Acredite. Os casamentos em que não fui madrinha, por coincidência, não deram certo. Mas todas as noivas pensam que isso ocorreu porque eu não era a madrinha. Uma grande besteira.

Josh e eu nos viramos um de frente para outro, esquecendo de quão excitados estávamos no estacionamento do bar, e ficamos conversando sobre

nossas vidas. Ele foi mais discreto do que eu, mas pensei ser apenas o jeito dele. Sua vida era a música, ele não sonhava em ser famoso, um astro do rock, mas gostaria de alguma estabilidade fazendo o que gosta. Enquanto isso, trabalhava como garçom e cantava em bares em várias cidades vizinhas.

— E você sempre vai embora com alguma groupie? Tipo como hoje?
— A pergunta foi uma brincadeira, mas os olhos de Josh brilharam, e seu tom de voz ficou infinitamente mais sexy quando respondeu:

— Primeiro: você é minha groupie? Gostei. — Seu corpo se aproximou mais e sua mão alisou meu quadril. — E eu só vou embora com garotas que mexem comigo e que gostam do meu carro veloz.

Seu rosto se aproximou o suficiente para que eu tivesse a escolha de beijá-lo ou não. Optei por acabar com a pouca distância entre nós.

Sua língua não demorou a invadir a minha boca convidando a minha para apimentar nosso beijo. Gemi, sentindo novamente a textura da sua boca e aproximei ainda mais o corpo para que pudesse ter contato com o seu. Sua mão passeou em meu quadril para cima e para baixo, subindo o vestido um pouco mais. Desajeitadamente enfiei as mãos por baixo da sua camiseta e alisei sua barriga dura, dando o aval para que Josh ultrapassasse a barreira de pano e tocasse em meu corpo.

Ao me empurrar levemente, Josh ficou sobre mim enquanto meus dedos continuaram explorando seu abdômen, levando uma de suas mãos cada vez mais para cima do meu corpo. Quando nossas bocas se descolaram, deixei sair um suspiro e abri os olhos, o quarto iluminado me fez querer vacilar por um momento. Por mais que eu estivesse excitada, seria a primeira vez que ele me veria completamente nua.

Nesse momento seu tronco se ergueu e, apoiado nos joelhos, Josh me

observou sem qualquer timidez ou dúvida, para em seguida tirar sua blusa e jogar para fora da cama. Lambi meus lábios, vendo a sua pele dourada e seu peito liso e másculo. Minhas mãos voltaram a alisá-lo com mais força daquela vez. Tateei sua pele e esfreguei minha pele contra a sua até que ele tivesse o corpo arrepiado pelo meu toque. Fui puxada para cima, rapidamente saindo da posição em que estava, e fiquei de joelhos também, de frente para ele.

Suas mãos pegaram a barra do vestido, e seus olhos fitaram os meus por um momento, esperando por mim, por minha autorização. Sem piscar e vidrada em seus olhos cheios de desejo, levantei meus braços, dando a permissão que ele precisava para continuarmos.

Embora estivesse excitada e louca para saber qual era a sensação de ter Josh dentro de mim, uma parte minha queria que as preliminares durassem muito mais. Tinha vontade de memorizar cada sensação, que mesmo conhecidas, com ele pareciam inéditas.

Foi então que lembrei da falta do *push-up* e, bem, de peitos. Olhei para baixo e me abracei tentando esconder meus seios de Joshua, mas ele pareceu perceber minha intenção. Descruzando meus braços ao passo em que eu levantava a cabeça e olhava para ele, Josh tinha a face transformada em perplexidade, como se não estivesse entendendo a minha atitude. Com meus braços fora do caminho, ele levou suas grandes mãos e espalmou meus pequenos seios delicadamente. Em seguida, levantou as palmas e deixou seus dedos trabalharem a sensibilidade da minha pele rosada.

— Você é linda, Amy — murmurou antes de tomar meus lábios novamente e me abraçar com força.

Nossos corpos se uniram e o calor gostoso de tal união se fundiu em um aconchego conhecido, mesmo que nunca tivéssemos estado juntos

daquela forma. Como se nossas peles fossem totalmente compatíveis.

Minhas mãos brincaram no cócs do seu jeans antes de abrir o botão e puxar o zíper para baixo. Eu tive vontade de enfiar a mão dentro de sua calça e sentir o seu membro, mas as coisas estavam indo de forma cuidadosa, tranquila e minuciosa, então resolvi seguir o fluxo. Abaixei o material com pouca dificuldade, o deixando apenas com sua roupa íntima. Alisei as laterais de suas coxas enquanto ele me deitava na cama e começava a explorar meu corpo com os lábios. Seus cabelos caíam levemente na parte da frente do meu corpo, fazendo cócegas em meu peito, enquanto seus lábios traçavam de forma quente e molhada a pele do meu corpo.

Os dedos hábeis de Josh desceram a minha calcinha, e sua mão massageou delicadamente a superfície do meu centro, como se estivesse me testando.

Eu estava pronta para ele.

— Você tem preservativo? — sussurrei, fazendo com que ele tirasse os olhos do meu corpo e olhasse para mim. Joshua assentiu e voltou a analisar o meu corpo como se o adorasse, alisando minha pele apenas com a ponta dos dedos. — Josh! — resmunguei e me contorci um pouco com a sensação que ele estava me causando.

— Temos a noite toda, Amy — murmurou antes de beijar minha barriga. Em seguida, o notei se posicionar entre as minhas pernas rapidamente e dar um beijo em meu sexo molhado.

— Deus! — gemi, um pouco pelo susto, muito pela sensação deliciosa que aquele beijo me causava.

— Abra as pernas, *baby*. — Sua voz baixa, aveludada e hipnotizante, como se fosse feita sob encomenda especialmente para mim, ordenou muito

perto do meu centro, fazendo eu sentir a vibração quase dentro de mim.

Fiz o que ele pediu, deixando o caminho livre para ele e sua língua fazerem o que desejassem. Ele não perdeu tempo, logo senti sua língua passeando de uma ponta a outra em meu centro, me deixando completamente extasiada. Ao chegar em meu clitóris, ele demorou, usou os lábios, a língua, os dentes, beijando, massageando e mordendo o nervo sensível enquanto seus dedos brincavam com a minha entrada.

— Oh! Joshua! — exclamei, alto, tentando fazer meu corpo ficar imóvel, mas era praticamente impossível. O primeiro orgasmo me acertou em cheio, fazendo com que eu fechasse os olhos com força e agarrasse a colcha que cobria cama.

Enquanto eu voltava da órbita em que fui lançada, Josh subiu sobre meu corpo, espalhando beijos até que chegasse ao meu rosto. Um beijo em meus lábios, me fazendo sentir o meu gosto: foi o suficiente para que eu acordasse e pedisse por ele dentro de mim.

— Quero você! — pedi, levando minhas mãos em sua cueca boxe, e Josh ajudou a tirá-lo, a jogando para longe.

Seu corpo caiu sobre o meu e seu calor me fez suspirar satisfeita. Seu membro duro encostou em minha barriga enquanto ele se esticava para pegar a calça no chão. Ouvi o barulho conhecido de plástico e soube que ele estava pegando o preservativo. Em seguida, me entregou com um sorriso sacana, que me fez compreender suas intenções.

Peguei de sua mão e abri o pacote, colocando a camisinha em seu membro sem pensar no tamanho ou textura, eu só desejava que ele estivesse dentro de mim. Posicionei a ponta em minha entrada e levantei os quadris para que ele pudesse me invadir logo, mas eu já deveria saber que Josh não

faria aquilo. Tudo sobre aquela noite era para ser calmo.

E foi desta maneira que ele me penetrou.

Com calma. Olhando em meus olhos, beijando delicadamente os meus lábios e roubando o suspiro que deixei escapar.

Ele se movimentou lentamente, me fazendo sentir cada parte de si. Fechei os olhos e soltei o ar, abrindo mais as pernas e tentando sentir tudo dele, mas seu braço puxou a minha perna e a trouxe para que enrolasse em volta de sua cintura. Envolvei meus braços em seu pescoço e o abracei com força, deixando que ele entrasse e saísse repetidas vezes até que novamente o gostoso orgasmo se formasse dentro de mim. Seus movimentos se intensificaram, mas o ritmo era quase o mesmo. O gemido veio grosso, contido, e um suspiro alto escapou quando ele obteve o seu ápice. Sua testa encostou na minha, e Josh sorriu largamente, me fazendo rir também.

— O que foi? — perguntei, acariciando o seu rosto e analisando seus olhos próximos aos meus.

— Eu sabia que seria assim — afirmou, levantando a cabeça. — De tirar o fôlego.

Capítulo 6

— Caramba! Você é muito preguiçosa. Vamos! Acorde, Amy. Já passa das onze. — Ouvi a voz baixa de Josh sussurrando enquanto distribuía beijos por minhas costas nuas.

— Hum... Bom dia. Eu gosto disso. Mas não sou preguiçosa, é sábado — respondi, me virando, o rosto de Josh estava em meus seios. Com um sorriso, começou a beijá-los. — Josh... — murmurei, levando as mãos em seus cabelos.

— Eu sou totalmente a favor de ficarmos na cama o dia todo, mas precisamos nos alimentar, por isso acordei você. Estou com fome, e a noite eu tenho que tocar em um bar na cidade vizinha — explicou entre os beijos deliciosos que dava.

— Tudo bem, mas se você continuar fazendo isso, não sairemos — afirmei sem nenhuma convicção, estava totalmente bem em não sair para comer. Quem precisava de comida?

— Você vem comigo? — Joshua perguntou saindo de cima de mim e me deixando completamente decepcionada.

— Comer? Claro, estou com fome. — Eu me levantei rapidamente e comecei a procurar por minhas roupas.

— Sim, isso também, mas queria saber se você vem comigo hoje à noite. Para o bar. — Parei por um momento, tentando entender o que ele estava me dizendo.

— Ir com você?

Um dia inteiro com ele já seria maravilhoso. Mas ser sua acompanhante na noite...? Eu mal a minha empolgação. Não sabia como terminaria aquele dia quando acordei, mas imaginar que teria mais tempo com Josh certamente me trouxe um humor que eu dificilmente tinha pelas manhãs.

— Sim, eu vou tocar por uma hora, depois podemos sair juntos, num encontro. — Josh já vestia o jeans quando levantou da cama e começou a colocar os sapatos.

— Um encontro? — Levantei em seguida e comecei a procurar por minhas roupas, quando percebi que todas estavam em cima da única cadeira do quarto. Josh provavelmente tinha organizado tudo para mim. Enquanto caminhei até ele e colocava minha calcinha, percebi que ele novamente encarava o meu corpo com desejo.

— Josh, almoço ou cama? Decida! — propus, chamando a sua atenção.

— Tudo bem, tudo bem... — disse um tanto resignado e voltou a se vestir. — Mas, sim, um encontro.

— Legal, você pode me deixar em casa, para eu me arrumar, e nos encontramos no bar. Ou você prefere me buscar em casa?

Coloquei o vestido e aguardei a resposta, mas em vez de simplesmente responder, Joshua se aproximou de mim e me puxou para si.

— Pensei que você poderia se arrumar, pegar uma roupa extra e voltarmos para cá. Eu falei sério sobre passar o dia aqui, com você, amanhã. — Seus olhos pareciam quentes, mas não luxuriosos. Parecia que ele tinha carinho por mim, que realmente queria estar comigo.

E se tivesse, era bom. Pois a cada segundo, eu nutria algo a mais por aquele homem.

Deus! Estou ficando com medo do que está acontecendo dentro de mim!

— Tudo bem. — Um sorriso largo se espalhou pelo seu rosto a ponto de fazer rugas em seus olhos, e eu recebi em seguida um beijo rápido e estalado.

— Vamos!

Josh não fez check-out, avisou para a recepcionista de plantão que voltaríamos para passar o restante do sábado e o domingo no mesmo quarto. Ao contrário do atendente da noite, ela apenas sorriu de forma simpática e assentiu antes de fazer as anotações necessárias. Josh lhe entregou um cartão de crédito para garantir que a reserva continuasse ativa e saímos para comer alguma coisa.

Nosso almoço se resumiu a *fast food* dentro do carro, na beira do cais. Sorrimos ao chegar ao local, lembrando da nossa sessão de amassos naquela madrugada.

Josh colocou novamente a minha playlist para tocar enquanto comíamos e trocávamos poucas palavras. Ouvimos toda sequência de músicas maravilhosas selecionadas por ele, que foi totalmente aprovada por mim, antes de voltarmos para o hotel e nos aproveitarmos mais.

**

— Desta vez eu memorizei bem o caminho — disse Josh quando estacionamos em frente à minha casa. — Naquela noite, eu não me importei

em lembrar do trajeto, você estava guiando e eu tinha certeza que teria seu telefone. Me odiei quando ele morreu e perdi o contato, eu sequer conseguia lembrar se fui para o norte ou o sul para trazer você em casa. Você deve ter me odiado quando eu não liguei.

— Eu não odiei, Josh. Não esperava que você ligasse. — Dei de ombros, mas não contei a parte em que ele me fez criar esperanças quando insistiu em pegar meu número.

— Por que não? — questionou, pegando a minha mão e levando até seus lábios. — Eu queria ver você de novo, Amy.

Aquele homem queria que eu derretesse, me desmanchasse por ele. Só podia! Seus lábios se demoraram em minha mão antes que ele a soltasse e eu conseguisse unir meus pensamentos novamente.

— Porque pensei que aquilo tinha sido uma aventura e que você não lembraria de mim.

— Acho que a noite passada foi a prova de que você estava errada — murmurou, puxando minha mão para que eu me aproximasse dele e em seguida me beijou.

Seus lábios eram tão bons nos meus... Quando nos beijamos a primeira vez, pensei que fosse por causa da quantidade de álcool ingerida por mim, mas depois da noite anterior e mesmo naquele momento, descobri que era Josh quem me deixava zonza e sem chão daquele jeito. Como se o mundo todo virasse um borrão.

De repente, uma pequena batida no vidro me fez soltá-lo e olhar em direção ao barulho. Meu pai estava abaixado com o rosto perfeitamente enquadrado no vidro do carona. Havia em sua expressão um sorriso forçadamente simpático.

— Meu pai... — murmurei, mortificada. Eu não tinha mais quinze anos e meu pai não era ciumento, autoritário ou ditador de regras malucas, mas ele amava dificultar a vida dos namorados ou pretendentes de suas filhas.

— Eu percebi. — Josh segurava uma risada enquanto pressionava o botão para abaixar o vidro.

— Boa tarde, pombinhos. — Papai disse olhando para Josh.

— Boa tarde, senhor. — O rapaz respondeu com firmeza na voz.

— Eu já vou entrar, pai...

— Imagino que você seja o “cara em um Mustang”...

Ai. Meu. Deus!

Eu preciso me mudar.

— Eu... — Josh começou, mas logo abri a porta do carro para descer.

— Eu estou entrando para me arrumar e Josh vai dar uma volta e virá me buscar novamente em breve, pai. Então... Josh, até depois...Vamos, pai.

— Mas não vai nos apresentar? — Papai perguntou, me fazendo bufar para ele e Josh rir dentro do carro.

— Eu sou... — Josh iniciou enquanto eu puxava meu pai para longe.

— Vamos, pai, vamos entrar! — interrompi a tentativa educada de Josh se apresentar. Maneei a cabeça em negação para que ele não continuasse e soprei um “me desculpe”.

Josh riu da minha atitude e simplesmente disse antes de ligar o carro e sair:

— Volto mais tarde!

Quando o carro virou a esquina, olhei para meu pai com uma expressão de reprovação no rosto.

— O quê? — perguntou se fazendo de desentendido. — Você estava se agarrando com o “cara do Mustang” dentro do carro, parecendo uma adolescente, eu só queria saber se vocês não preferiam fazer isso dentro de casa — brincou.

— Pai! — exclamei e caminhei rumo à residência. — Eu realmente preciso me mudar....

— Você precisa! Precisa se agarrar com seus encontros na frente da sua própria casa. — Ele provocou.

— Era apenas um beijo.

— Arram, apenas um “cara em um Mustang”, apenas “um beijo”...

Ele sabia que Josh não era um “apenas” para mim.

Eu também sabia.

Mas não queria continuar a pensar nas sensações que o cara me proporcionava, apenas vivê-las. E ele me queria também. E o sexo na noite anterior foi perfeito. Nós transamos de forma sensual e calma, como se estivéssemos dançando.

A segunda vez foi ainda melhor, como se já conhecêssemos o corpo um do outro e soubéssemos como agir. Josh era um homem simpático, carismático, mas na noite anterior, pouco falamos, parecíamos hipnotizados um com o outro, cheios de toques, beijos demorados, sexo lento e olhares significativos.

**

Enquanto secava o cabelo com uma toalha e colocava alguns itens em uma bolsa, ouvi uma batida na porta.

— Entre! — exclamei sem parar o que eu estava fazendo. Lucy colocou a cabeça para dentro.

— Olá, irmãzinha!

— Oi, Lucy! — Corri até ela e beijei seu rosto rapidamente. — Desculpe, estou com pressa. Está tudo bem? — perguntei, ajeitando o cabelo em uma trança, sabendo que não poderia fazer muito por ele.

— Sim, sim. Apenas de passagem para dar um beijo em vocês. Como estão as coisas?

Ela me analisou de forma interessada enquanto eu aplicava rímel nos cílios.

— Está tudo bem — disse simplesmente.

— Sem novidades?

Meu olhar focou no reflexo de minha irmã no espelho, e pude ver em seu rosto um sorriso matreiro.

— Sério, o papai é um fofoqueiro — resmunguei, voltando a me maquiar.

Analisei meu reflexo no espelho depois da última camada de rímel e gostei do resultado. Optei por um short jeans com uma blusa de gola canoa branca e um par de botas de cano curto e sem salto. Era confortável e bonito ao mesmo tempo.

— Então você está mesmo namorando o tal de “cara em um Mustang”?

Revirei os olhos ao escutar o apelido que meu pai dera e abri a gaveta do armário.

— Eu não estou namorando... Onde estão meus brincos de argola? — resmunguei, vasculhando minha caixa de acessórios. — Estamos saindo.

— E você passou duas noites com ele? — acusou minha irmã.

— Caramba, que velho fofoqueiro! — Coloquei meus brincos e me virei de frente para Lucy. — Sim, passei e vou passar novamente, não é um relacionamento, estamos saindo, nos conhecendo...

— Fazendo sexo... — Minha irmã completou.

— Sim, fazendo sexo. E bom sexo, Lucille. — Olhei a hora em meu telefone e vi que faltava pouco tempo para Josh chegar. — Agora eu tenho que ir, quero esperar Josh lá embaixo e evitar que vocês tentem se comunicar com ele novamente.

Peguei minha bolsa e saí do quarto, deixando minha irmã sozinha e ouvindo suas risadas.

— Algo me diz que você vai apresentá-lo para a família, Amy! — gritou enquanto eu descia as escadas.

Algo me dizia que eu queria apresentar ele para a família também.

**

Eu estava aguardando na varanda e agradei a todos os santos

existentes por Josh ser uma pessoa correta com horários. Pontualidade combina com ansiedade, e sempre fui uma pessoa ansiosa. Desci as escadas rapidamente e olhei para trás para saber se minha família estava espiando. Não estavam.

Obrigada, Senhor.

Josh estava sorrindo para mim quando entrei no carro, e o beijei rapidamente antes de colocar o cinto de segurança. Foi uma ação impensada, como se fosse algo normal entre nós. Ele sorriu frente à minha atitude e me puxou para outro beijo quando conectei o cinto no local ao lado do banco.

— Você está linda! — disse, engatando a primeira marcha, pondo o carro em movimento.

Analisei o que ele vestia e fiquei aliviada em ver que ele também escolheu algo simples para a ocasião. Jeans escuros, camiseta colada em seu corpo e uma camisa xadrez por cima.

— Obrigada, você também.

Fomos para a cidade vizinha rumo ao Sea, um bar e restaurante que ficava na orla da praia. Eu já tinha ido naquele bar uma vez alguns anos antes, quando eu ainda estava na faculdade. Lembrava que ele era iluminado com luzes pisca-pisca do lado de fora e tinha mesas e cadeiras no deque elevado. Era possível ver o mar embaixo dos nossos pés, entre os vãos da madeira.

Dentro, havia um pequeno palco, um bar enorme e uma pista de dança para os clientes mais animados que não queriam assistir ao show sentados. Ao entrarmos, Josh começou a cumprimentar as pessoas que trabalhavam lá como se as conhecesse. Todos sorriam para ele e o chamavam por apelidos, como “Pequeno Joshua” ou “Keenan”.

— Você já tocou aqui antes — afirmei quando chegamos ao bar, e eu me acomodei em um dos bancos enquanto ele pedia duas cervejas.

— Sim. Eu toquei aqui algumas vezes já. — Ele abriu as cervejas e me entregou uma. — Quer saber qual é o plano para hoje à noite? — sua sobrancelha levantou, e ele levou a boca da garrafa nos lábios.

— Eu quero — afirmei, bebendo minha própria cerveja.

Ele se aproximou e abriu minhas pernas, se colocando entre elas.

— Primeiro eu vou tocar e me certificar de que você aprove a *setlist*. — Um beijo foi dado na ponta do meu nariz, fazendo com que eu o enrugasse. — Depois, pensei em comermos uma porção de camarão e mais algumas cervejas... — Desta vez, o beijo foi nos meus lábios, estalado e rápido. — E um passeio na beira da praia antes de voltarmos para o nosso refúgio.

Então seus lábios voltaram nos meus e nos beijamos novamente.

— Ei, Josh! Libby está chamando você lá atrás. — O barman exclamou, nos interrompendo. Olhei em sua direção e notei que ele estava desligando o telefone.

— Tudo bem, eu vou lá falar com ela. — Mais um beijo em meus lábios, e ele atravessou o salão, indo para o lado oposto do bar. O barman sorriu para mim e voltou a limpar o balcão.

— Você pode me dizer onde é o banheiro? — perguntei, me levantando.

— Do outro lado, segunda entrada — respondeu, apontando para o mesmo local onde Josh havia ido.

Fui em direção ao local, observando as pessoas do bar conversando e

bebendo. Eu me lembrava do Sea como um local agradável de frequentar e, depois de anos, fiquei satisfeita de ver que se mantinha assim.

Quando cheguei no corredor em que o barman tinha me direcionado, me deparei com uma porta que não era a do banheiro. Vi Josh primeiro. Ele estava de frente para uma bela mulher que imaginei ser Libby.

— Eu só estou com saudades e Mina também, sei que não devo me sentir assim, mas não posso evitar. — Ela estava chorando.

Josh a abraçou com força e beijou sua testa com os olhos fechados. O momento era íntimo e dramático, e meu estômago se revirou um pouco quando vi a cena. Andando rapidamente para longe da porta, procurei pelo banheiro para poder sair dali. Foi quando percebi que virei na direção contrária, então corri para o outro lado do corredor e entrei no banheiro feminino, puxando uma respiração longa e pesada.

Quem era Libby?

Uma amiga? Uma namorada?

Não, ele não teria me trazido aqui se tivesse algo com a garota que trabalha no Sea. O barman não teria falado com tanta tranquilidade.

Fechei meus olhos com força e mexi a cabeça de um lado para o outro, na tentativa de colocar os pensamentos no lugar e parar de tentar tomar conta da vida alheia. Eu e Josh não tínhamos nada sério, e ele não estava fazendo nada de mais.

Se controle e pare de agir como uma adolescente, Amelia.

O que diabos estava acontecendo comigo?

Eu me recompus e voltei para o bar em seguida, Josh ainda não estava lá. Quando voltou, se aproximou de mim um tanto tenso.

— Tudo bem? — perguntei.

— Tudo bem, apenas combinando algumas questões de pagamento com a dona do bar.

— Entendo.

Ambos pegamos as nossas cervejas, já não tão geladas quanto antes, e bebemos. Se Josh estava falando a verdade, era apenas parte dela. Libby estava chorando em seus braços, e aquele não era um choro de quem estava pedindo desconto na cobrança do cachê.

Decidi que não era da minha conta e que não manteria aquilo em minha mente.

— Bem, vai me dizer o que vai cantar hoje?

— Não! — respondeu, de repente brincalhão. — Você saberá quando eu tocar. Falando nisso... — Olhou o relógio. — Preciso me organizar lá. — Se levantou e beijou meus lábios de forma demorada, sua mão acariciou meu rosto antes de pedir que eu lhe desejasse sorte.

— Você não precisa.

— Verdade, já tenho o meu pé de coelho — brincou.

Revirei os olhos para a sua brincadeira, mas senti o estômago se revirar também com a menção da palavra *meu*.

Josh me considerava dele?

Pare de pensar demais, Amelia, aproveite seu encontro!

Foi o que eu fiz. Libby e história de relacionamento foram assuntos esquecidos, e enquanto Josh tocava seu repertório, completamente aprovado por mim, eu me delicieei o assistindo e ouvindo sua voz. Ele tinha um talento

nato, era carismático com o público e ficava sexy para cacete tocando violão e fechando os olhos, como se estivesse saboreando a música.

Tudo nele era atrativo, seu sorriso, olhos, cabelo, corpo. Deus! Eu não via a hora de voltar para aquele hotel com ele. Então novamente ele cantou *Fast Car*, olhando para mim, o tempo todo, me deixando um pouco mais consciente das sensações que estava provocando em mim.

**

— Agora eu entendo o motivo da caminhada na praia — resmunguei, esfregando minha barriga. — Você sabia que eu comeria demais e queria me fazer andar para perder o que adquiri.

Josh gargalhou e chutou um pouco da areia a nossa frente. Estávamos andando há quase uma hora na beira da praia. O clima estava gostoso, fresquinho, e o cheiro do mar me fazia sentir leve.

— Assim você me faz parecer menos romântico — respondeu, pegando a minha mão e entrelaçando nossos dedos.

— Você está querendo me impressionar com romance? — perguntei, e ele rebateu em voz alta:

— Por quê? Está funcionando?

Conforme nos aproximávamos das rochas, o barulho das águas ficava cada vez maior.

— Talvez! — gritei de volta.

— Talvez eu tenha que me esforçar mais! Mas então, se eu me

esforçar muito você vai acabar querendo casar comigo! Ah! Esqueci, você tem medo!

Não pude evitar um revirar de olhos.

— Eu não tenho medo de casamento, apenas não acho que preciso de pompas e circunstâncias para ficar ao lado de alguém! — falei, ainda em voz alta, para que ele pudesse me escutar. — Especialmente não preciso de uma madrinha para me dar sorte! Não sou avessa a relacionamentos, apenas não compartilho do sonho de contos de fadas!

— Ou você já foi deixada no altar e não quer me contar! — brincou.

— Claro que não! — exclamei, contendo risadas.

— Vamos, Pé de Coelho, não pode ser tão ruim... — Ele continuou me perturbando com a brincadeira.

Tentei me soltar para deixá-lo falando sozinho e continuar a caminhada fingindo estar brava.

— Foi piada, gatinha, piada! — brincou, me puxando para perto de si e para longe do barulho da rebentação.

Sua mão foi até o meio da minha coxa e a puxou para cima, fazendo-a descansar em seu quadril. Minhas pernas enrolaram em seu tronco, e suas mãos me apertaram enquanto Josh me beijava com intensidade e um gemido rouco escapava da sua garganta. Ele se ajoelhou e logo me deitou na areia, olhando diretamente em meus olhos e soltando um sorriso sacana antes de voltar a me beijar.

Sua mão deslizou por minha coxa e alisou a minha pele enquanto sua boca abandonava a minha e passava a explorar o meu pescoço. Engoli em seco e me concentrei no cheiro de maresia misturado com seu perfume

masculino. Seu peso caiu sobre mim, o corpo ficou moldado no meu e sua pélvis fez o primeiro movimento, me fazendo gemer. O vai e vem daquela dança começou lânguido, lento, com paciência, como foi da última vez, e eu pensei que ficaria apenas naquilo. Amassos na beira da praia. Mas Josh tinha outros planos.

Ficando de joelhos, ele levou suas mãos até o botão do meu short e o abriu, olhando para mim e esperando a minha aprovação para continuar. Virei o rosto para os lados e procurei no breu da praia escura alguém que pudesse nos ver, mas o bar estava muito distante e aparentemente éramos apenas os dois, a lua e o mar.

Levantei o quadril e deixei que ele tirasse meu short. Ele tirou a camisa e abaixou a calça também, rapidamente tirando um preservativo e colocando. Mais um indício de que nada seria como a noite anterior. Ali não seria calmo, era apenas para ser sexo rápido, gostoso e perigoso, era para fazer uma memória comigo. Eu adorei e fui parte ativa naquele compartilhamento.

Quando Joshua entrou em mim, me permiti soltar um gemido alto. A intensidade de suas investidas era maior, e sua respiração era muito alta em meu ouvido.

— Vem para mim, Amy. Vem — ordenou por cima da sua respiração, fazendo com que eu me contorcesse e remexesse os quadris em busca de mais fricção.

Meu orgasmo veio forte e no mesmo momento em que o seu. Quando finalmente pudemos respirar novamente, ele deixou em minha boca um beijo casto e nada condizente com o sexo delicioso que acabávamos de compartilhar. Em seguida, deitou ao meu lado.

— Falhei no romance novamente.

Virei minha atenção para ele e percebi que olhava para as estrelas enquanto tentava controlar a respiração. Mesmo não olhando para mim, eu podia ver o contentamento em seu rosto, o sorriso largo em seus lábios enquanto ele parecia analisar algo no céu.

— Não se preocupe com o romance, você está indo bem — afirmei quando me sentei na areia e procurei por minha calcinha e short.

Argh! Tem areia por tudo em mim, pensei enquanto me vestia.

— Que bom que estou indo bem, pois eu pretendo ter mais encontros com você — comentou tranquilamente, e eu parei de me arrumar para prestar a atenção nele.

— Quantos encontros mais?

— Quem sabe? — Ele vestiu a sua camiseta, e quando a gola passou por sua cabeça, concluiu. — Talvez o suficiente para caracterizar um relacionamento.

Olá, borboletas.

Olá, meus quinze anos novamente!

Capítulo 7

Eu não sabia dizer se as coisas entre Josh e eu estavam indo rápido ou devagar demais. Para mim, tudo estava indo de forma natural, estávamos saindo há três meses, mas não havia rótulos e sequer falávamos sobre isso. Nossos horários não eram lá muito compatíveis. Eu trabalhava em horário integral de segunda a sexta na escola, Josh trabalha de sexta a domingo como garçom em eventos ou tocando em bares, às vezes nas quartas-feiras também.

Nós sempre arranjávamos um jeito de nos encontrar, saíamos para passeios, jantares, eu o acompanhava até seus pequenos shows nos bares, inclusive no Sea. Ele continuava a se esgueirar para a sala dos fundos ou para conversar com a tal de Libby sempre que estávamos lá, mas ela nunca saiu ou deu as caras no bar. Joshua geralmente voltava um pouco tenso depois que saía de lá e levava alguns minutos para relaxar. Eu perguntava se tudo estava bem, e ele dava as mesmas respostas.

Conheci seu apartamento um mês depois que começamos a sair. Antes disso, Josh ficava na casa que ganhara de herança com a morte do seu pai. Ele disse que estava vendendo o local para resolver algumas questões familiares, mas quando o questionei sobre comprar um apartamento ou casa menor para morar e não precisar alugar nada, ele mudou de assunto e não me deu mais detalhes.

Como sempre fazia.

Ele não falava muito sobre a sua família. Seu pai casou-se novamente com outra mulher quando ele ainda era um bebê e construiu um novo lar. Ele tinha morrido meses antes de eu conhecer Josh, de um infarto fulminante.

Sua esposa morrera cinco anos antes. E isso foi o máximo que consegui arrancar dele. Josh nunca parecia confortável em dividir informações sobre si no que dizia respeito ao seu pai. Eu levava numa boa, pois apenas parecia algo íntimo, uma privacidade que ele não estava pronto para partilhar.

Nossos momentos juntos sempre eram preenchidos com conversas agradáveis, beijos, sexo, boas refeições, música e mais sexo. Mesmo não sendo oficialmente um casal, Josh acabou conhecendo meus pais, eu o apresentei como meu amigo em um jantar no qual ele foi convidado sem meu consentimento.

Eu me atrasei para descer quando ele buzinou em frente à minha casa, e o meu pai foi buscá-lo no carro para jantar em nossa casa. Josh pareceu gostar do convite e se sentiu à vontade. Uma semana depois, eu conheci a sua mãe pelo FaceTime. Ele me apresentou como Amy, simplesmente, e sua mãe se derreteu em elogios, dizendo que eu era linda. Mas então perguntou por Libby e Mina, e Josh ficou tenso e disse que estavam bem, se despedindo dela em seguida.

Quando perguntei se era a Libby do bar, ele apenas disse que sim. Não questionei mais nada. A intimidade que Josh e eu compartilhávamos era grande, contudo sentia que não me dava muito mais dele e a barreira que criava neste quesito me impossibilitava de lhe fazer outras perguntas. Porém, só estávamos saindo. Não era como se ele me devesse quaisquer explicações, eu não era oficialmente sua namorada.

— Senhorita Fergus? — Katy, a secretária da diretoria da escola, me chamou da porta, fazendo com que eu despertasse dos meus devaneios.

— Sim? — Olhei para a turma, todos estavam concentrados em suas atividades.

— Tem uma entrega para a senhorita na secretaria, ficarei com a turma para que possa assinar.

— Tudo bem — assenti e fui até o local, imaginando o que poderia ser. Quando cheguei, havia um grande buquê de rosas vermelhas aguardando por mim, tão grande, que escondia o entregador.

Eu me aproximei das flores e peguei o cartão, abrindo-o rapidamente, ainda que já soubesse ser de Josh. Só poderia ser.

Espero que goste de rosas vermelhas.

Se não gostar, me avise no jantar de hoje à noite. Josh.

— O senhor Keenan disse que vai buscá-la em sua residência às sete. Calcinhas são dispensadas.

Eu quase gritei quando vi que o entregador na verdade era Josh. Tive que colocar a mão na boca para não berrar na cara dele.

— Josh! — exclamei sussurrando, mirando seu sorriso sacana, que mostrava sua satisfação com a minha reação. Olhei para os lados, procurando por espectadores, mas por algum milagre não havia ninguém dentro da secretaria.

— Então? Gostou?

— Sim. Claro!

— Vai jantar comigo essa noite? — Ele se aproximou e se debruçou sobre o balcão.

— Que pergunta... É claro!

— Vai sem calcinha? — Sua covinha apareceu, e os cantos dos seus olhos se apertaram em humor.

— Josh, vai embora! — Arregalei os olhos e tentei não rir dele.

Ele obedeceu e se foi enquanto eu cheirava as flores e sorria frente ao seu gesto. Ele sempre brincava sobre romance. Rosas vermelhas nunca foram as minhas preferidas, mas facilmente poderiam se tornar.

— Olha quem ganhou flores!

Levei um susto quando a voz de Della atrapalhou meus pensamentos.

— Josh acabou de deixar aqui. Não são lindas?

— Você nunca gostou de rosas vermelhas, sempre disse que é o que mais se vê nos casamentos — comentou, desconfiada.

— Eu sei, mas essas são tão lindas...

— Oh. Meu. Deus! — Della colocou as mãos na cintura e caminhou até mim, me analisando de perto. — Você está apaixonada por ele.

— Ainda é cedo...

— Pare de tentar agir como adulta neste momento e aja como tem que reagir quando se está apaixonada — ordenou ela. — Ele está caidinho por você também.

Antes que eu pudesse responder, o sinal tocou, e Della correu para fora da secretaria a fim de encontrar seus alunos, e eu fiz o mesmo para encontrar os meus.

Mas, então, sim! Eu estava apaixonada por Josh.

Como não estar?

**

Bem, calcinhas eram dispensáveis, segundo ele. Então optei por usar o mesmo vestido do nosso reencontro no JJ Pub. Não por ser algo significativo nem nada, mas porque eu não tinha muitas roupas novas para vestir, e a peça me deixava sexy. O sutiã *push-up* estava lavado daquela vez.

Tudo bem, o outro motivo é que não faria sentido usar jeans se o objetivo era aproveitar o fato de eu não usar calcinha.

Meus cabelos ficaram soltos e usei saltos *stilettos* pretos. Não tinha a mínima ideia do lugar que iríamos, mas queria estar bonita para ele.

Eu não ouvi buzina daquela vez. No lugar, a campainha soou, e segundos depois, pude escutar minha mãe dizendo para Joshua que ele era bem-vindo, o convidando para entrar.

Desci as escadas em seguida, procurei por eles na sala, mas logo notei que suas vozes vinham da cozinha. Quando cheguei, mamãe tinha servido ao meu encontro chá gelado e *cookie*.

— Mãe, vamos sair para jantar.

— É apenas um *cookie* — Ela justificou.

— Está uma deli... — Josh se virou e, quando me viu, paralisou. — ...ciosa.

Ele terminou a sentença me olhando como se quisesse me levar para a cama naquele momento.

— Oi.

— Oi. Você está... linda! — disse, se aproximando e beijando meu rosto.

Bem, ele também estava lindo. De tirar o fôlego. Camisa e calça preta ajustadas de forma perfeita ao seu corpo.

Ele terminou de comer, se despediu de minha mãe e fomos rumo ao carro. Assim que nos aproximamos, Josh me prensou contra o veículo e cobriu a minha boca com a sua. Suas mãos apertaram meu quadril com força, me fazendo gemer.

— Você está maravilhosa. Gostaria de pular toda a coisa planejada e ir para meu apartamento.

— Sim, eu topo. Vamos! — incentivei, estava excitada demais para me importar com toda a produção ou mesmo com o que ele tinha preparado para a noite.

— Nós temos a noite toda. — Sua testa descansou na minha, e ele beijou a ponta do meu nariz uma última vez antes de abrir a porta do carro e me ajudar a entrar.

— Estamos investindo alto em romance, hein? — perguntei assim que ele assumiu o lado do motorista.

— Estou investindo alto em *nós* — corrigiu e em seguida piscou para mim.

Não tive reação às suas palavras. Fiquei parada enquanto ele ligava o carro e fingia que eu não estava congelada no banco do passageiro.

Minha vontade era de agarrá-lo exatamente naquele momento. Deus! Como aquele homem podia ser tão apaixonante?

Cada palavra que saía da sua boca me causava sensações conhecidas e

completamente novas ao mesmo tempo.

**

Eu imaginei que ele me levaria para jantar em algum restaurante, mas quando percebi, estávamos no cais do porto mais uma vez. Saí do carro empolgada. Ninguém nunca havia feito nada do tipo para mim. No máximo, um cartão de dia dos namorados, um jantar em um restaurante... Mas aquela atenção toda? Nunca. Joshua estava se esforçando para fazer com que eu me sentisse especial.

Abrindo o porta-malas, ele tirou uma cesta de vime e uma toalha preta, em seguida pegou a minha mão e caminhou comigo para a plataforma. Uma toalha foi estendida, e a cesta foi colocada por cima. Tirei meus saltos e me sentei cuidadosamente para não mostrar a minha falta de calcinha por baixo do vestido.

— Você gostou? — perguntou, sentando próximo a mim e beijando o lado da minha cabeça.

— Adorei! Não imaginei que seria assim. — Realmente estava encantada com a atitude dele. Obviamente era algo que eu já tinha visto em várias comédias românticas, inclusive com a insuportável da Katherine Heigl, mas naquele momento parecia tão diferente para mim. Como se nunca ninguém tivesse planejado em filmes antes.

Josh tirou uma garrafa de vinho e duas taças de dentro da cesta e nos serviu. Brindamos em silêncio, e logo ele me ofereceu um prato com queijos e uvas. Bebemos e conversamos por um tempo. Falamos sobre sua mãe e o

quanto ele sentia falta dela. Falei de minhas irmãs malucas e de como ele tinha sorte de não ter encontrado uma delas ainda.

— Mas eu encontrei Della duas vezes, então... — brincou.

— Della não é um terço do que minhas irmãs são, e quando nos juntamos, meu pai diz que a casa parece um galinheiro, cheio de galinhas cacarejando.

— Seu pai é engraçado — rindo, Josh continuou a beber o seu cálice de vinho.

Sua postura relaxada comigo me deixava feliz, era fácil estarmos um perto do outro, apesar de sua barreira quando se tratava de seu pai. Mas era uma particularidade dele, e eu deveria respeitar.

— Acho que ele gosta de você também, como não somos namorados ele não faz você sofrer. — De repente, sua postura mudou e ele pareceu mais interessado.

Virando para mim, perguntou:

— Como assim? — Seu cenho franziu em dúvida.

— Ah, todos os namorados das minhas irmãs sofreram um pouco com meu pai, ele meio que sente prazer em ficar infernizando a vida dos pobres...

— Não, não! Estou dizendo: como assim não sou seu namorado? — Me interrompeu, parecendo surpreso.

— Bem, não somos namorados, Josh. Nunca conversamos sobre isso...

Fui interrompida por seus lábios. Deixei que tomasse o seu tempo e explorasse a minha boca enquanto eu fazia o mesmo com ele. Quando nos

separamos, encostamos as cabeças, e ele respirou fundo antes de falar:

— Eu trouxe você aqui hoje por isso, queria te pedir para ser minha namorada.

— Eu... Eu...

Não sabia o que dizer. Eu só tinha recebido esse pedido na adolescência, depois as coisas apenas seguiam o curso natural, no máximo combinávamos ou já nos apresentávamos como namorados. Mas aquela produção? A sedução, os agrados e o romantismo? Tudo novidade.

Uma agradável novidade.

— Vamos lá... Não estou te pedindo para me acompanhar em um casamento — zombou, me fazendo rir.

Uma mistura de sentimentos me assolou. Ele não estava me fazendo nenhuma pergunta difícil, mesmo assim eu sentia no peito o peso da sua proposta: me pedir em namoro seria me assumir. Realmente assumir que tínhamos algo, um comprometimento entre duas pessoas.

De repente, me dei conta de que eu estava esperando por isso há algum tempo. Fiquei tão feliz. Como uma adolescente. Em minha cabeça, eu estava saltitando alegremente.

— Eu sei... Eu só não esperava. Claro que vou ser sua namorada. Deus! Parecemos dois adolescentes.

— Parecemos duas pessoas que se gostam, *baby*. Só isso.

**

As coisas começaram a esquentar no carro quando estávamos indo para o apartamento de Josh. Enquanto dirigia, sua mão alisou minha perna e minha coxa. *Beautiful Girl*, do INXS, tocava baixinho, e ele acompanhava a canção. Sua voz era tão bela quanto ele. Analisei seu corpo se movimentando atrás do volante, a forma como era relaxado, o charme de seus lábios se movendo enquanto acompanhava a música.

— Você deveria saber que fiz o que pediu. — Josh desviou rapidamente a sua atenção para me olhar, seu rosto dizia que ele não tinha entendido o que eu havia dito.

Peguei sua mão e trouxe para cima na minha coxa, até que estava bem próximo ao meu centro. Seus dedos logo escaparam para o meu sexo, e um gemido estrangulado escapou por sua garganta.

— Você estava o tempo todo assim?

— Claro. Você pediu.

— Não imaginei que você aceitaria. — Seus dedos deslizaram para cima e para baixo, me fazendo abrir mais as pernas, dando mais acesso a ele.

— Bem, aproveite. — Seus dedos entraram em mim, arrancando um gemido de minha garganta, mas logo sumiram, a velocidade do carro diminuiu, e percebi que havíamos estacionado em frente ao prédio de Joshua.

O caminho até seu apartamento, no segundo andar, foi repleto de toques, beijos, gemidos e promessas.

— Eu vou fazer você se sentir tão bem, *baby*. Tão bem. — A mão de Josh estava embaixo do meu vestido, e minhas costas estavam completamente coladas em seu peito.

Quando finalmente entramos em seu apartamento, meu vestido foi a

primeira peça do nosso vestuário a ser descartada. Em seguida, as roupas de Joshua foram ao chão também. Sua boca explorou o meu pescoço e ombros enquanto eu massageava seu membro. Empurrei Josh até a parede, encurralando-o para que eu pudesse brincar, beijei seus lábios uma vez mais antes de chupar, lambear e morder o seu corpo maravilhoso.

Seu peito malhado e duro se arrepiou quando minha língua foi de encontro a ele, desci para o seu abdômen definido até chegar em seu pau duro e pronto para a minha boca. Beijei a cabeça e chupei levemente, provocando, sua respiração já estava irregular, e suas mãos, em meus cabelos. Os dedos enterrados entre minhas mechas, fechados e segurando com firmeza enquanto eu me preparava para tomar todo ele em minha boca. Assim que o fiz, senti seu aperto ficar mais rígido e sua respiração mais ofegante.

— Cristo, Amelia! — gemeu ele, fiquei ainda mais excitada ouvindo o meu nome sair da sua boca daquela forma.

Cravei minhas unhas em suas coxas e coloquei mais pressão na sucção. Seu quadril começou a se movimentar, como se minha boca já não estivesse dando a ele o que precisava, então parei e o puxei em direção ao quarto. Ao chegarmos, o deitei na cama e subi em cima de Josh.

— Foi só eu pedir você em namoro para você ficar toda dominadora — provocou enquanto acariciava meus seios e eu encaixava seu membro em minha entrada. Brinquei com ele e me masturbei com a ponta antes de afundar.

— Como se não tivéssemos feito isso antes — respondi e me abaixei para beijá-lo e colar nossos corpos.

Movemo-nos juntos, engolindo nossos gemidos, até que a deliciosa onda nos atingiu e gozamos ao mesmo tempo. Permaneci caída em cima dele

enquanto recebia pequenos beijos nos lábios.

— Você é demais, namorada. Não acredito que quase afoguei você.

— Obrigada por quase me afogar. — Beije sua boca com mais vontade.

Eu me considerava uma pessoa feliz. Nunca almejei nada grande demais para mim, estava contente em viver a minha vida e obter sucesso no que já fazia. Mas Josh abria uma nova porta dentro de mim, me fazia querer coisas novas. Coisas que eu não me importava antes.

Coisas que Katherine Heigl fazia em seus filmes.

Capítulo 8

Algumas manhãs depois, acordei com sussurros de Josh ao telefone. Seu apartamento era pequeno, o quarto era separado da pequena sala integrada na cozinha, mas eu conseguia ouvi-lo de qualquer forma.

Levantei e fui até a porta, tentando não fazer nenhum barulho. Era errado o que eu estava fazendo? Sim! Era. Mas não consegui evitar. Especialmente porque Libby continuava vindo em minha mente. Sempre que estávamos no Sea para alguma apresentação, Josh ia para a sala dela e ficava por pelo menos dez minutos e voltava tenso.

Em todas as vezes.

— Bem, diga a ela que o papai também a ama. Que sempre a amará.
— Seu tom era baixo, porém ríspido. — Mas você precisa dizer a ela a verdade, Libby, não continuarei mentindo para Mina cada vez que nos encontrarmos. E você precisa assinar os papéis. O prazo se esgotou.

Mina?

Papéis?

PA-PAI?

Mas o quê?

— Eu não posso falar com você, hoje à noite, no Sea, conversamos. Sim. Eu tenho que ir. — Antes que ele desligasse, voltei para a cama e fingi que estava dormindo. — Tchau, Libby.

Segundos depois, eu o senti deitar na cama, seu braço me puxou para perto, e nossos corpos se encaixaram. Mantive a respiração calma e os

pensamentos a mil.

Mina.

Papéis.

Papai.

As palavras martelavam em minha cabeça. Eu queria dar outra finalidade para elas, mas eu era apenas humana. Acabei caindo no sono com aqueles pensamentos e acordei duas horas depois. Josh estava novamente na cozinha e, no lugar do café, ele estava fazendo o almoço.

— Bom dia! — murmurei, andando até a geladeira e pegando uma garrafa de água.

— Boa tarde, você quer dizer, preguiçosa — brincou como sempre brincava, dizendo que eu era preguiçosa por dormir demais.

Dei um sorriso sem graça para ele enquanto desenroscava a tampa da garrafa e em seguida bebia.

— Algo errado, *baby*? — perguntou, desconfiado do meu humor.

— Não.

Fui até a janela e fiquei olhando para a rua sem dar mais explicações. Sei que deveria perguntar o que estava acontecendo, mas minha mágoa por ele esconder algo de mim, principalmente sendo o que eu suspeitava, levou a melhor.

Senti suas mãos serpentearem o meu corpo e o calor do aconchego dos seus braços me envolverem. Fechei os olhos com força, ainda que sentisse o prazer de estar em seu abraço.

— Qual é, *baby*? Você só fica assim quando não dorme, tem

problema com alguma criança na escola ou está de TPM. Eu conheço você.

— Verdade, *você me* conhece — acusei.

— O que quer dizer com isso, amor? — perguntou, me virando para encará-lo.

— Eu conheço você, Josh? — Minha pergunta era carregada de julgamento.

— Claro que sim, é claro que conhece — defendeu rapidamente, mas vi em seus olhos que algo estava lá, algo escondido. — Ei... Olhe para mim...

— Josh, quem é Libby?

Seus olhos se abriram um pouco mais do que o habitual. Sua garganta de repente secou e ele engoliu em seco. Demorou alguns segundos para ele me responder, e quando o fez, foi a resposta errada:

— Não é ninguém.

Imediatamente fui para o quarto, catei minhas coisas e me vesti. Ele não foi atrás de mim, talvez estivesse pensando em alguma desculpa, talvez só quisesse que eu fosse embora. Eu não sabia. Mas tinha certeza de que eu queria sair dali.

Quando estava pronta, caminhei para a saída.

— Ei! Para, Amelia, para! — Josh exclamou quando eu estava já abrindo a porta.

— Me procure quando quiser me falar a verdade, Joshua.

— Amelia, não seja assim, vamos conversar... — pediu.

— Vai me dizer quem é Libby?

Josh se manteve calado, então, controlando minhas lágrimas raivosas, eu abri a porta e saí.

Ele não me seguiu.

E aquilo doeu mais ainda.

Pedi um Uber pelo aplicativo e fui para casa. No meio do caminho, liguei para Della, que já me esperava em casa quando cheguei.

**

— O que houve? — perguntou, me oferecendo um pote de sorvete e uma colher. Chateada, me sentei em minha cama e contei tudo a ela.

— E você vai ficar aí parada?

— O que quer que eu faça? Ameace a sua vida para me contar tudo?

A verdade seria dolorosa. Quando ele disse que morava em outra cidade com a mãe, provavelmente era mentira, ele devia ser casado com Libby. Deus, nada mais se encaixava. Tudo era uma mentira! Se ele não era mais casado com aquela mulher, porque continuava tocando no bar dela? Por que ele nunca me disse que tinha uma filha?

— Não! Vá até o Sea.

— Eu não irei lá, não vou investigá-lo.

Assim que disse aquilo, meu telefone começou a tocar e a imagem de Josh apareceu no visor. Fiquei olhando para a tela piscando até a ligação cair. Logo o aviso de que eu tinha uma mensagem de voz brilhou na tela, mas eu também o ignorei.

— Não é investigar, Amy, é simplesmente exigir a verdade. Vocês estão juntos há meses, e essa Lizzy...

— Libby.

— Errei o nome de propósito, para desdenhar da vadia, estou tentando ser solidária. Ajuda aí, caramba.

— Desculpe.

— Enfim, vocês estão juntos há meses, e ele nunca falou que está se divorciando e tem uma filha? Acho que você merece explicações, não?

Sim, estávamos há algum tempo juntos, e eu me abri sobre tudo com ele, mas de alguma forma, não merecia a mesma consideração. A angústia se construía a cada segundo em meu peito. Tinha medo de ir atrás e saber a verdade. Algo me dizia que eu não deveria dar ouvidos para a minha melhor amiga. Mas eu dei. Então, mais tarde, me arrumei e dirigi com ela até a cidade vizinha

Cheguei no Sea exatamente no momento em que Josh estava atravessando o grande salão para ir ver Libby. Deixei Della para trás e segui em direção à sala em que o vi abraçado com Libby pela primeira vez.

“Eu só estou com saudades, e Mina também.”

Ainda lembrava das palavras e de vê-lo abraçar aquela mulher com força e beijar a sua testa. Havia realmente algo a mais naquele gesto. Deus! Como fui estúpida.

“Eu só estou com saudades, e Mina também.”

Não podia acreditar que fui tão estúpida.

Quando cheguei perto o suficiente, ouvi a voz de Josh.

— Como está a minha garotinha?

A criança estava lá? Seu tom era como se ele estivesse falando com ela, e não perguntando sobre ela. Meu estômago se revoltou no mesmo momento, mas eu já estava ali, não iria embora.

— Shhh! — Libby pediu. — Ela acabou de dormir.

— A babá faltou hoje novamente?

— Sim, já estou em busca de outra. Você sabe que é complicado.

— Eu sei... — Ele parecia estar cansado.

— Ela perguntou pelo pai o dia inteiro.

Fechei os olhos para que o acúmulo de lágrimas cessasse, e elas pudessem cair de uma vez.

— Assinou os papéis? — perguntou, e a resposta dela deve ter sido negativa e silenciosa, pois seu tom de voz estava em alerta. — Libby...

— Eu não sei se posso, Josh.

— Já conversamos sobre isso...

Eu não podia mais ouvir aquilo. Mas não queria ir embora sem que ele me visse também, sem que ele soubesse que eu tinha descoberto tudo e que não poderia inventar desculpas para mim.

Mas também havia uma criança naquela sala, e eu não entraria lá, não me sujeitaria e nem me arriscaria a magoar uma inocente.

Peguei meu telefone e liguei para ele.

— Me dê um minuto, eu já volto. — Ouvi sua voz e seus passos até a porta. Quando ele saiu, deu de cara comigo, seus olhos se arregalaram e sua

boca se abriu. — Amy!

— Você mentiu da pior forma possível, Josh.

— Amelia, deixe-me explicar... Não é o que você pensa...

— Para alguém tão engajado em surpreender com jantar, piqueniques e músicas, imaginei que nunca diria uma frase dessas. — Dei as costas para ele. — Não quero mais ver você.

Saí do corredor e andei rapidamente em direção ao salão. Passei praticamente correndo por entre as cadeiras e mesas, até que estava na rua. Corri pelo estacionamento em direção ao meu carro, esquecendo que minha amiga estava no bar ainda.

— Amy! Espere! — Josh pegou meu braço, me fazendo parar.

— Me solta! — gritei, e no mesmo momento seu aperto se desfez, e ele deu um passo para trás.

— Por favor, eu prometo a você. Eu não tenho nada com Libby...

— Não agora! Mas não importa! Você tem uma filha, e não me contou, Joshua! Você não me contou que era casado!

— Espera! O quê?

— Eu estou indo! — Comecei a andar novamente.

— Amy, me escuta! — Josh correu e parou na minha frente. — Eu não sou casado com Libby e Mina não é minha filha!

Capítulo 9

Olhei para ele, incrédula. Se a menina não era sua filha e Libby não era a sua esposa... O que tudo aquilo significava?

— Mas... Mas eu vi o dia que você estava abraçado com Libby enquanto ela chorava e dizia que estava com saudades. Hoje mais cedo você estava insistindo para ela assinar os papéis e disse que “papai também ama”... Eu lhe perguntei e você disse que ela era ninguém, Josh! — exclamei, furiosa. — Por que não me disse?

— Eu tentei! — gritou. — Liguei para você, você não atendeu. Deixei recado no seu correio de voz dizendo que queria contar tudo!

— Você teve a chance de me contar quando eu perguntei. Mas preferiu dizer que ela era ninguém. Por quê? Por quê? — rebati aos berros.

— Porque eu tive medo do que você pensaria de mim! — gritou de volta.

— Bem, Josh, você fez um grande trabalho deixando tudo a cargo da minha imaginação! — Minha voz se tornou mais baixa, mas não menos acusatória.

— Acredite quando eu digo que a sua imaginação é nada perto da realidade. Mas se me der a chance, eu vou contar. — Josh estendeu a mão para mim e respirou fundo. Quando voltou a falar, sua voz estava mais calma. — Vamos até a praia?

Eu não era mimada. Além disso, o amava demais para simplesmente acabar com tudo sem ao menos receber uma explicação sobre o que estava

acontecendo. Eu também tinha esperança de que fosse tudo fruto da minha imaginação. Se ele estava disposto a consertar as coisas, eu daria a ele a chance.

Passei reto por ele e caminhei sozinha em direção ao mar. Parando a poucos metros de distância da água, aguardei Josh se aproximar. Ele sentou ao meu lado, não querendo ficar em pé, e eu imitei o gesto, aguardando a explicação.

Mesmo ele respirando fundo, seu corpo ainda estava tenso e o tom da sua voz havia mudado. Parecia envergonhado quando começou a falar.

— Meu irmão mais novo é Henry Lance. — Franzii o cenho sem entender. — É o estuprador em série que foi preso há alguns meses.

Meus olhos se arregalaram.

— M-mas... Josh! — Fiquei sem reação. — Você nunca me disse que tinha... que tinha um irmão.

— Você pode entender o porquê, eu acho. — Ele riu com escárnio quando respondeu.

— Ele usava o sobrenome de sua mãe? — perguntei, tentando entender o motivo dos nomes diferentes.

— Não, sou eu quem usa esse sobrenome.

Ele contou brevemente como foi quando descobriu que tinha um irmão. Passou a visitá-lo esporadicamente assim que soube ter também uma sobrinha, mas logo ficou sabendo do que Henry fazia.

— Libby foi aquela que o denunciou. Ela descobriu que era ele, ligou para a polícia, pegou Mina, a filha deles, fugiu para a casa do meu pai e me ligou de lá para contar tudo, pedindo ajuda. Libby está perturbada

emocionalmente, embora esteja correta em sua atitude. Ela tem recaídas, sente falta de Henry e se recusa a dizer à Mina que seu pai não vai voltar. A menina pensa que ele está viajando. Já disse que ela não precisa dizer sobre sua prisão agora, ela tem apenas quatro anos. Mas ela precisa tirar a esperança de que um dia ele voltará. Libby repudia o que ele fez, mas às vezes chora, sente falta dele. Do homem que ele era para a família.

Ele pausou a explicação e engoliu em seco. Era nítido o pesar em sua voz.

— Os advogados sugeriram que ela peça o divórcio e a guarda de Mina para evitar que a vida delas seja marcada socialmente pelo acontecimento, mas ela está relutante em assinar os papéis. Eu honestamente não sei o que passa na mente dela.

— E-eu sinto muito, Josh — murmurei.

Eu sabia sobre os estupros, todos tinham conhecimento do fato, mas eu não tinha acompanhado o caso de perto, sequer poderia imaginar.

— Com o escândalo, ficamos com medo do bar sofrer as consequências, então colocamos no nome da minha mãe e dissemos que está sob nova direção. Vendi a casa do meu pai e dei metade do dinheiro para ela e Mina, para que elas tenham uma reserva. Ainda assim, não temos muito movimento. Eu comecei a tocar aqui para ajudar a trazer mais gente, e Libby não dá mais as caras, fica apenas no escritório. Mesmo para conseguir babás ela tem dificuldade. Então, me desculpe, sim, eu tive medo de afastar você caso soubesse, por isso escondi. Eu contaria a você eventualmente, eu juro. Eu só estava tentando...

— Deus, Josh! Eu sinto muito. — Eu ergui o corpo, me ajoelhei e me arrastei até ele, me colocando entre suas pernas. Beije seus lábios com

carinho.

— Obrigado por não me afastar. Estava com medo que você ficasse com medo, quisesse ir embora. — Suspirou, aliviado, e eu imediatamente o abracei e trouxe sua cabeça para o meu peito.

— Claro que não!

— Eu vim apenas para ajeitar as coisas e acabei conhecendo você...

— Como assim?

Josh ficou quieto quando perguntei.

— Josh? Você está dizendo que está de passagem? — Eu me separei dele para ver seu rosto.

— Amy...

Seu tom de voz me fez levantar imediatamente.

— Você vai voltar para casa?

— Minha mãe está lá, *baby*, mas eu estou tentan...

— Por isso não comprou nada, por isso não tem emprego fixo... — divaguei. Josh levantou e tentou encostar em mim.

— Amelia, minha mãe precisa de mim, mas se deixar eu explicar meus planos ...

— Você fez com que eu me apaixonasse por você! — gritei sem me importar em deixar as lágrimas caírem. — Veio para um caso de verão? Férias, Joshua?

— Claro que não, Amelia! Você não está me deixando explicar...

— Você vai voltar para casa! Você não me contou sobre o seu

irmão...! Que merda!

— Eu estava com medo de...

— Você não me deu qualquer escolha, Joshua! Escondeu tudo de mim e me fez amar você! E agora vai embora? Eu... eu não acredito!

— Amy, não é assim....

Ele tentou se aproximar, mas dei um passo para trás.

— Fique longe de mim! — Dei as costas para ele e comecei a caminhar na direção contrária.

— Amy! — gritou, e pude ouvir seus passos atrás de mim, então parei.

— Me deixe em paz, Josh...

— Mas e nós?

— Você está pensando em nós agora? — Meu tom era incrédulo.

— Eu ainda estou aqui por nossa causa, Amelia. Pare de ser irracional e me ouça.

— Eu não tenho mais motivos para parar e ouvir você! — Novamente comecei a andar, deixando-o no mesmo lugar.

— Sim, você tem: eu te amo, Amelia.

Capítulo 10

Meu corpo todo travou. Eu me mantive de costas para ele, tentando assimilar suas palavras.

Ele me ama?

— O que disse? — perguntei por precaução.

— Eu disse que amo você, Amelia. Loucamente.

Virei vagorosamente para encará-lo. Josh tinha seus braços abertos enquanto falava.

— Tão loucamente, que eu escondi isso para não te assustar. Mas eu me apaixonei por você naquele cais. Naquela sessão de amassos durante a madrugada.

Seus braços caíram e suas palmas bateram em suas pernas enquanto ele desviava seu olhar para as ondas do mar.

— Eu sei. Que homem se apaixona à primeira vista? Eu não sei, culpe o maldito chafariz da senhora Kato, dizem que dá sorte de qualquer forma. O fato é que eu não consegui tirar você da minha cabeça.

Seus olhos voltaram a me fitar, mas ele não me analisou. Não percebeu quão petrificada eu estava.

— Eu só sei que quando perdi seu telefone, quase pirei. E quando te reencontrei... Droga, Amy! Foi quase como se você estivesse correndo em um campo em minha direção e em câmera lenta! Você não percebeu? Sou louco por você.

Ele começou a se aproximar de mim, suas mãos se levantaram, e ele pegou o meu rosto, me fazendo fitá-lo diretamente nos olhos.

— Mas você vai embora... — Mais lágrimas caíram.

— Se você calasse essa boquinha linda, saberia que eu estou indo para buscar a minha mãe. Ela voltará a morar aqui, Amelia. Ela quer ficar perto de mim, mas sabe que eu não vou conseguir ficar longe de você. É verdade, *baby*, eu te amo. Demais!

— Josh! — exclamei e me agarrei a ele, beijando seus lábios. Sua boca exigente devorou a minha como se fosse a primeira vez que estivesse me beijando.

— Deixa eu levar você para casa — Ele pediu contra meus lábios.

— Sim, me leva daqui — implorei, sentindo a necessidade de estar mais próxima dele possível. Começamos a andar em direção ao carro, mas então lembrei:

— Della está aqui, preciso avisá-la. Ele leva meu carro e vou com você.

Josh assentiu e voltamos para o Sea. Procurei por Della e a encontrei no bar, flertando com um cara.

— Ei!

— Oi, se resolveram, né?

— Como sabe?

— Seus olhos estão brilhando, seus lábios estão inchados, tem um sorriso de merda no seu rosto e seu namorado está subindo no palco neste momento.

Virei o rosto na direção que ela apontava e encarei o palco com os olhos arregalados. Josh estava sentando no banco e pegando um violão.

— Ele vai tocar? Íamos embora! Como ele vai tocar?

E o maldito sexo de reconciliação?

— Boa noite, pessoal! Meu nome é Joshua Keenan e eu deveria tocar hoje à noite para vocês, mas eu tenho um compromisso com a minha garota, tenho uma coisa de reconciliação para fazer.

— Sexo! — Alguém gritou, me fazendo esconder o rosto nas mãos e Josh dar uma risada nervosa. Maldita pessoa leitora de mentes!

— Mas antes, eu queria tocar para ela e dizer que: Amelia, *baby*... — As pessoas começaram a olhar em volta, procurando por mim. — Quero levar você para passear no meu carro veloz para sempre. Eu te amo.

Eu assenti, começando a chorar novamente enquanto ele cantava a canção de Tracy Chapman. E algo me dizia que ele realmente cantaria aquela música para sempre.

Ao menos, era o que nós desejávamos.

Então se lembre de quando estávamos dirigindo, dirigindo seu carro

Velocidade alta, eu senti que estava bêbada

As luzes da cidade se acendem antes de nós

E seus braços ficam legais em volta dos meus ombros

E eu tive, tive a sensação de que pertencia

*E eu tive, tive a sensação que poderia ser alguém,
ser alguém, ser alguém*

Epílogo

Apenas para deixar claro, eu continuava odiando a Katherine Heigl.

Tudo bem, não tanto.

Minha rebeldia a respeito de casamentos acabou. Bem, tinha que acabar. Afinal, quando Jen e Luke estavam completando um ano de casamento, Joshua estava me pedindo para casar com ele. E mais seis meses depois, eu estava com Della, minha dama de honra, e minhas irmãs como madrinhas enfileiradas em nossa frente para sairmos do salão da senhora Kato em direção ao chafariz. É claro que a cerimônia seria lá. A festa seria na parte interna do salão.

As velas foram acesas, e um gazebo de bambu retorcido repleto de pequenas flores e lâmpadas foi colocado na frente. O cenário ficou maravilhoso.

Todos os nossos amigos e familiares estavam lá. Jenna e Luke, Lindsey e Went, Lorenzo, meu querido amigo, e sua Evelyn, que por sinal foi companheira de trabalho de Josh e a garota que acendeu as velas que apaguei naquela noite, e até Libby, com a pequena Mina. A mãe de Josh e a minha competiam para ver quem esvaziaria a caixa de lenços mais rápido, e meu pai não poderia estar mais orgulhoso — e aliviado.

Eu não preciso mencionar a música que tocou, é óbvio, mas a reação do noivo ao me ver em um belo vestido branco, nos braços do meu pai, caminhando até ele, precisa ser relatada de qualquer forma.

Seu sorriso mal conseguia ser contido, o mesmo podia dizer de suas lágrimas. Seus olhos eram apaixonados, deslumbrados, e acho que isso é o

que mais agradava meu pai, a forma como Josh me admirava. Era visível. Para mim era visível, sensível e amável.

Josh não pretendia dizer que me amava na noite em que me revelou sua história, mas, no desespero, ele acabou confessando. Desde então, ele se tornou um menino apaixonado. Era como se seus sentimentos estivessem presos e gritando para sair há tempos. Nós nunca mais brigamos, por nada. E eu esperava que continuasse assim.

Ele sempre tocava *Fast Car* para mim, e eu o acompanhava em cada pequeno show. Josh acabou comprando a parte de Libby no bar, e agora ela apenas cuidava da contabilidade para ele.

Nós compramos uma casa perto da praia para ficar com acesso melhor ao Sea, que exigia mais atenção. Meus pais não gostaram muito da ideia de eu me mudar para a cidade vizinha com Josh, mas Della gostou menos ainda, não me teria mais como companheira na hora do recreio cuidando dos nossos alunos e nem nas baladas semanais. Porém, não demorou muito e ela passou suas noites de farra para o Sea e logo conheceu seu namorado, Peter.

No momento em que eu estava de frente para o meu noivo, tive que me segurar para não o beijar antes do juiz de paz nos declarar marido e mulher. Josh estava lindo, seus olhos risonhos brilhavam, seus cabelos estavam cortados e, Deus! Ele estava uma delícia naquele smoking. Eu não via a hora das nossas núpcias, que aconteceriam no mesmo hotel onde passamos a noite em que nos reencontramos.

Não, não somos supersticiosos. Sabe por quê?

Estava me casando e não precisei de algo novo, algo velho, algo azul, algo emprestado e nem de uma madrinha pé de coelho.

Eu só precisei de um noivo que me amava e de um carro veloz.

Só isso.

Fim

Uma espiada em Amor em Ruanda

SINOPSE

Quando o coronel deu a ordem para o primeiro tenente Kendrick, ele não podia acreditar. Nascera para ser um homem de honra, sonhava com o mais alto posto do exército americano, mas naquele momento estava sendo designado a promover a proteção da filha teimosa do seu superior.

Macon estava mais do que desapontado, até colocar os olhos na bela e doce Violet Bates, uma médica inocente e destemida, que faz o mundo do primeiro tenente virar de ponta-cabeça no momento em que ele a conhece.

Neste volume da Coleção de Heróis, do Botando Banca, você conhecerá um casal forte e apaixonado, que precisará vencer muito mais do que as barreiras dos seus preconceitos para ficarem juntos.

PRÓLOGO

RUANDA

“Pela primeira vez na história, temos o dinheiro e o know-how tecnológico necessário para resolver os problemas da África.

Mas será que temos vontade?”

Bono Vox

Localizada em um solo montanhoso e sem saída para o mar, Ruanda é um país do continente africano que faz fronteira com Burundi, ao sul, República Democrática do Congo, ao Oeste, Uganda, ao norte, e Tanzânia, ao leste.

Foi dominada pela Alemanha, no início do século XIX, e posteriormente pela Bélgica após a Primeira Guerra Mundial. Entretanto, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas ficou responsável pela administração do país até 1962, quando a independência de Ruanda foi finalmente concedida.

É um país marcado por conflitos étnicos. Principalmente entre os *Hutus*, que praticamente dominam a população, em seus 90%, e os *Tutsis*,

minoria, em 9%, que mesmo assim foram escolhidos pelo poder colonial para governarem o país. Tal fato fez com que os *Tutsis* fossem perseguidos e, em 1994, um grande genocídio envolvendo os presidentes de Ruanda e Burundi marcassem para sempre a história mundial.

Segundo os dados da ONU, o massacre teve mais de um milhão de vítimas ruandeses, e os *Tutsis*, que outrora eram minoria, desta vez foram 90% dos mortos.

Com o passar dos anos, a situação de Ruanda não melhorou.

Além dos constantes conflitos étnicos, a maior parte da população ainda vive abaixo da linha da pobreza, a subnutrição atinge mais de 40% do total da população, a mortalidade infantil é de mais de 10% — *quando* as crianças nascem vivas. O índice de analfabetismo é de 35%, e apenas 22% da população tem acesso a saneamento básico e ambiental.

E era para este lugar que o tenente Macon J. Kendrick estava indo.

Aos vinte e oito anos e com uma carreira ascendente no exército dos Estados Unidos, ele poderia pensar que era uma missão única, uma oportunidade sem igual que estavam lhe dando devido aos anos em que se dedicou à corporação.

Não.

Aparentemente suas admiráveis habilidades não passavam de um bom currículo para tornar-se babá da filha do Coronel. Uma criatura mimada, que

resolveu salvar o mundo após se formar em medicina.

Uma Médica Sem Fronteira.

Sem ter o que fazer de mais útil, ele poderia apostar.

Depois de finalmente formada, Violet Bates sentia que havia mais em sua vida do que apenas clinicar em qualquer hospital. Ela tinha mais a contribuir. Nada de errado em querer contribuir. Mas ao se inscrever para uma missão de paz, o governo dos EUA resolveu enviá-la para uma Ruanda não tão pacífica.

A cidade Nyamutera era menos pacífica ainda, pois, próximo a ela, na divisa entre Ruanda e Burundi, no Parque Nacional da Floresta Nyungwe, o exército americano colocou o seu mais recente “*comitê pacificador*” — e nada deixa o povo africano, ou qualquer povo, mais *feliz* do que um intruso montando acampamento e achando que vai ensinar você e todo o seu país como agir, ainda que o objetivo do acampamento fosse levar saneamento e boas condições de vida para a população.

Por que ele, então? O tenente era o militar mais próximo do coronel Bates. Mas seu amigo e companheiro das forças armadas, Tom, brincava, dizendo que agora ele não passava de um secretário do coronel.

Mas Macon preferia o termo *homem de confiança*, já que acompanhava de perto todos os procedimentos, papeladas e protocolos que deveriam passar pelo coronel. Então, em uma noite, mais precisamente

quando Bates descobriu para onde exatamente sua filha estava indo, ele surtou. Não podia ter Violet lá.

Naquele momento, seu homem de confiança, o único em que ele poderia confiar a filha, estava em um avião, já sobrevoando a base do exército, em um local onde seu nome mudaria de Macon J. Kendrick para *Mary Poppins*, segundo seus companheiros.

Ele pensou que isso seria o pior que poderia lhe acontecer.

Senhoras e senhores: bem-vindos ao inferno.

Ele estava enganado.

CAPÍTULO 1

MISSÃO

*“Vamos, não se preocupe, meu irmão,
neste mundo todos somos os mesmos.*

Nós devemos encontrar a paz.”

Don't worry – Playing for Change

— Chega, Parker, todos conhecemos a história. Estávamos lá, lembra? — Macon resmungou, voltando sua atenção para as terras avermelhadas que em breve tocariam seus pés.

— Ora, meu amigo! Por que o mau humor? — Parker questionou, rindo e sabendo muito bem o motivo para todo o problema de Macon.

— Porque deveríamos ir para este país com um propósito maior do que ser babá da filha teimosa do nosso superior. — Ele sabia que os amigos conheciam toda a história, mas sua frustração era tanta, que ele simplesmente não conseguia parar de repetir tais palavras.

— Correção, camarada! — Thomas exclamou, pronto para

contradizer o amigo. — Nós vamos para uma missão de propósito maior, e você vai ser babá da filha teimosa do coronel. — Parker gargalhou da cara do tenente, mas rapidamente parou ao ver a expressão furiosa de Macon.

— Já passamos por tanta coisa, coisas grandes, e agora eu vou bancar a Mary Poppins? Eu deveria virar capitão, e não babá. — Novamente seus amigos riram. — Não é engraçado, porra! — sibilou com raiva. Eles sempre se sacaneavam, mas Macon não estava no espírito. Sentia-se rebaixado. Seu grande orgulho sempre foi servir sua nação, ser um combatente.

Para Macon, que havia saído ileso de tantas batalhas travadas contra o seu país e até mesmo das situações em que sua pátria ia somente “levar a paz”, não havia nada de engraçado em ser a babá de uma garota mimada que deveria estar clinicando em seu consultório, no centro de Washington, além de continuar sendo o orgulho do papai. Aquilo não era nem de perto o tipo de batalha que o primeiro tenente, em seus dez anos de forças armadas, estava acostumado.

Mal sabia Macon que não sairia ileso desta missão.

A sua missão mais perigosa.

Ao desembarcar do avião militar, Macon respirou profundamente o ar

seco e quente do lugar, mesmo que o espaço fosse rodeado de uma mata fechada da floresta *Nyungwe*. Dentro dela, com toda certeza havia umidade. Ele sabia para onde fugir quando precisasse se esconder ou mesmo fugir da seca do local. Olhando para o quartel general lotado na grande área, percebeu que todos estavam instalados de forma bem confortável, levando em consideração os locais em que já teve que dormir nas missões.

Não é tão horrível quanto imaginei, pensou, analisando todo o território à sua volta. A base, de fato, era colada ao Parque Nacional *Nyungwe*, uma mata verde-escura e fechada, que dividia o QG do restante da pequena aldeia de Umutara.

Alguns homens que já estavam no país se aproximaram, e assim que os três amigos se identificaram, formou-se uma fila na frente dos três. Macon e Tom, os dois segundos-tenentes, notaram que não havia outro superior por perto, portanto entenderam a posição dos soldados de patente menor ao deixarem Parker para trás, uma vez que o amigo tinha uma patente abaixo — subtenente. Em seguida, se aproximaram da fila e se apresentaram.

— Você! — Começou Tom. — Apresente-se — ordenou. Sua voz ecoou por todo o local onde estavam, e por mais que fosse a céu aberto, os soldados sentiam a força vocal do tenente. Thomas adorava ser imponente, se divertia.

— Cabo Bentley, senhor! — disse o rapaz louro e muito queimado do

sol.

— Onde está o encarregado da organização?

— Resolvendo pendências burocráticas, senhor! O capitão Morth os aguarda mais tarde! — gritou o rapaz com voz trêmula.

Claro que Richard Morth não estava lá aguardando por eles. Macon nunca ia entender como aquele homem ainda servia ao exército dos Estados Unidos da América. Era um vadio, só queria saber de farra e não via problema algum em ter outros assumindo as suas responsabilidades nas missões. Aquela era uma grande oportunidade para Thomas, ele esperava por uma promoção tanto quanto Macon.

— Pois saibam que sou o segundo-tenente McCarthy! — gritou o grande homem. — E sua organização me pertence a partir de agora! — Era mentira, ele só queria deixar os soldados nervosos. Macon revirou os olhos, entediado com a atitude do amigo. — Estarei encarregado deste QG junto com o capitão, que ficará com responsabilidades mais burocráticas. E vocês... — O sorriso de Tom era sinistro ao olhar para cada um daqueles homens. — São meus! Ouvi alguma coisa? — Ele perguntou de modo zombeteiro, esperando alguma reclamação.

Thomas McCarthy era conhecido como *O destruidor*. Ele não era violento ou sádico, mas gostava de ver seus homens pedindo arrego. Macon apenas bufou. Sim, Tom ia ficar com a parte mais dura, enquanto o Capitão

Morth estaria praticamente de férias. Todavia isso não fazia do Tenente McCarthy alguém importante. Ele seria apenas a vadia do capitão.

Tudo bem, Macon preferia ser a vadia do capitão à vadia do Coronel, naquele momento.

— Não, senhor! — gritaram todos os soldados da organização. Enquanto Thomas McCarthy e Parker Philips foram designados para a missão de Ruanda com o intuito de liderarem o grupo, Macon Kendrick estava designado a ser guarda-costas.

Não há ninguém mais em que eu possa confiar, filho, lembrou das palavras do coronel.

Pensava que era loucura mandar esses homens para tal lugar sem um bom estrategista, mas rapidamente lembrou que, até então, a presença dos Estados Unidos no país era apenas enfeite, embuste para intimidar o povo.

Apenas para colocar as coisas em ordem? Ok! Os Estados Unidos continuam pensando que são o pai do mundo, debochou Macon.

Bem, por um longo tempo, ele concordava com aquele pensamento, mas aquela missão o deixou tão azedo, que sequer compartilhava da ideia naquele momento. Se fosse pensar racionalmente, tirar o patriotismo e a revolta por aquela missão, o tenente ainda se perguntava o motivo daquela base ali. Sabia que nada era por acaso e que a guerra civil tinha terminado oficialmente em 1993, com a captura de Kigali. Levar saneamento, educação

e saúde era dever da Organização das Nações Unidas, não do exército americano. Ele sabia que algo não se encaixava, e se fosse em outro momento, um que ele não estivesse sublimado pelo descontentamento da sua missão, ele provavelmente investigaria. Entretanto, em sua revolta, ele estava pouco ligando.

— Este é o primeiro-tenente Kendrick. E acredito que já tenham sido informados da sua função aqui.

— Isso não é necessário, Thomas — sussurrou Macon para o companheiro. Este se limitou a sorrir para o amigo, e Macon teve certeza de que uma piadinha besta sairia da boca do comediante.

— O Tenente Kendrick vem para guardar a preciosa filha do coronel, e agora queremos saber do seu paradeiro. — Ele olhou seriamente para os soldados antes de finalmente dizer: — Liberados para falar. — Um soldado baixo, porém corpulento, deu um passo confiante para frente. — Seu nome? — McCarthy perguntou.

— Yorkie, senhor!

— O cão? — Parker gargalhou, enquanto Macon tentava segurar o humor. Tudo bem, então, aquela parte foi engraçada.

— Não, senhor.

— Muito bem, soldado. Fale.

— Sei onde está a filha do coronel, senhor. — A sobrancelha de Tom

se ergueu, e sua entonação mudou de autoritária para maliciosa antes de questionar:

— E como sabe?

— Ela é amiga de alguns soldados, senhor. — Macon não pode evitar que sua mente corresse para o lado mais malicioso da colocação do soldado, mas imediatamente tratou de espantar tais pensamentos.

— E onde podemos encontrá-la?

— Na estação médica. A doutora Bates está sempre lá, ela até mesmo dorme no local. Nem ela nem a doutora Winsor utilizam mais o QG.

Então ela estava completamente desprotegida e fora da base? Ela é louca ou o quê?

Macon passou a entender um pouco mais a preocupação do coronel e se tornou mais hostil em relação à Violet Bates.

— Dispensado — disse Thomas.

— Obrigado, soldado. — Continuou Macon. Sem dúvidas, o tenente ganharia a simpatia dos soldados, assim como sempre ganhara de todos à sua volta.

Macon era conhecido por sua gentileza. Muitas vezes era confundida, propositalmente, por Thomas, como *feminilidade aflorada*. Mas isso definitivamente não abalava Macon, ser cordial e um líder estavam tão fortemente arraigados nele, quanto a piada e o deboche estavam em Thomas,

e a personalidade discreta e introvertida, em Parker.

Os soldados foram dispensados, e os homens se aproximaram para conversar informalmente. Kendrick começou a levantar informações sobre Violet, e depois de ouvir tanto sobre a garota, embora ainda irritado com ela, o primeiro-tenente se viu ansioso para conhecer a teimosa filha do coronel.

Devia ser uma pessoa, no mínimo, peculiar, dada a impressão boa que os soldados fizeram questão de passar aos novos líderes daquele QG. Ela tratava das enfermidades dos homens, uma gripe, uma dor de estômago, mas nenhum ali havia se machucado, não estavam em guerra. Contudo, eles afirmavam que Violet era uma leoa no que se tratava da comunidade local, ajudava em tudo o que podia. E quando não podia, roubava os suprimentos dos soldados do QG quando demoravam para entregar o que ela precisava na estação. Para o capitão, segundo os homens dele, Violet era um grande pé no saco, que se valia do fato de ser filha do coronel para conseguir o que queria. Foi inevitável para Macon simpatizar um pouco com a médica.

**

A estação médica era apenas um pouco afastada do acampamento americano, ficava exatamente na fronteira com *Burundi*. De fato, era muito próxima ao Lago Kivu. O Parque Nacional da Floresta Nyugwe havia sido

fundado em 2004 e tinha uma extensão de 970 km² de pura floresta tropical, mas a abertura na mata e o percurso que o exército havia feito davam acesso à estação médica e também à entrada de Umutara sem quaisquer problemas. Era uma caminhada de vinte minutos sem obstáculos, como ele podia notar.

Em poucos passos, Macon já podia tomar consciência da mudança do clima de seco e quente para úmido e frio, enquanto entrava na mata fechada. Puxando o ar denso para dentro dos pulmões, na tentativa de aplacar a secura em suas vias nasais e garganta, Thomas o acompanhava em silêncio, perdido em seus próprios pensamentos. Seu laço com Kendrick e Philips era praticamente um nó, e embora Parker Philips fosse namorado da irmã mais nova de Kendrick, era ele, Thomas, o seu grande confidente.

Ele sabia que o amigo estava frustrado, Macon era aquele que mais levava a carreira militar a sério, sua vida era pautada no sucesso dentro exército americano. Sem ninguém por perto, nem mesmo Parker, Tom resolveu deixar de lado as piadas e realmente conversar com o amigo.

— Mac, não pode ser tão ruim. — Macon olhou para o amigo, identificando a empatia em sua voz, e assentiu em silêncio. — E estaremos aqui do lado. Você ficará bem, e essa garota, Violet, ela pode ser legal. — Novamente o Tenente assentiu, mas manteve-se calado. Tom sabia que ele não diria nada, então deixou por isso mesmo, e terminaram a trilha em absoluto silêncio, exceto pelos barulhos da floresta.

No momento em que terminaram a trilha e chegaram ao outro lado do parque, se depararam com a estação médica. Era organizada, e embora a quantidade de terra vermelha fosse abundante, tudo parecia limpo em volta. A casa que instalava a estação médica era branca e um pouco encardida.

Os dois se aproximaram e entraram sem qualquer cerimônia, mas parecia que tudo estava vazio. A estação era dividida em duas salas grandes e uma pequena saleta ao lado, que ele imediatamente identificou como a sala da doutora Bates. Um retrato do coronel adornava a precária mesa, e algumas folhas de receita médica e prontuários de pacientes estavam empilhados ao lado.

Saindo da estação, Macon olhou para os lados e contemplou a aldeia. A primeira casa do povoado ficava a pelo menos quinhentos metros de distância. A estação parecia solitária ao lado de um grande campo de futebol, onde algumas crianças corriam com a bola nos pés. As poucas pessoas que passavam pelos dois homens fardados os olhavam com certo desprezo, deixando claro que soldados não eram bem-vindos ali.

Uma música alta começou a tocar, e os tenentes logo identificaram que o som vinha de trás da estação. Rapidamente fizeram a volta e foram para os fundos do local. Foi quando Macon parou. Parou por completo. Tudo, suas pernas, seus pensamentos...

Seu coração.

Duas mulheres dançavam no meio de crianças. Todas estavam de mãos dadas, enquanto as duas estavam no meio da roda, dançando sem parar, girando de um lado para o outro. Uma das mulheres era loira, e a outra, morena. A loira era a imagem da perfeição, mas foi da morena que Macon não pôde tirar os olhos. Ela dançava sem sapatos, a barra da sua longa saia branca estava vermelha, devido a terra e pó que subiam toda vez que ela batia os pés no chão. Ela tinha uma criança no colo, um menino negro e muito magro. Ele chorava enquanto ela visivelmente tentava entretê-lo, sorrindo e cantando a música para ele. Macon pensou que era a coisa mais linda que ele vira em toda a sua vida.

— Por favor, senhor, me ajude. Hoje encontrei a mulher de minha vida — disse Thomas, levando as mãos para cima de forma teatral. Macon olhou para o companheiro e riu. Mas, no fundo, desejou que Thomas não estivesse falando da morena que ele colocara os olhos.

Era como um ímã ver aquela linda mulher dançando. A necessidade de estar no meio daquelas crianças era algo muito forte, mas definitivamente não era seu instinto paternal que falava mais alto. Era outro.

— De quem fala? — perguntou Macon, sem tirar os olhos da brincadeira das mulheres com as crianças. Analisou a garota de pele branquinha e cabelos castanhos escuros que sorria e gargalhava com o menino nos braços enquanto o embalava ao som da música. Era um lindo

sorriso.

— Da loira! O que é aquele corpo? — Macon não percebeu, mas imediatamente relaxou, aliviado pela escolha do amigo. Mas isso foi até ele ouvir o nome dela ser chamado. No momento em que a morena virou seu rosto para a menina grávida que corria em sua direção, o ar de Macon trancou novamente em seus pulmões.

Ela era a filha do coronel.

— Doutora Bates! — gritou a menina com um forte sotaque francês.

A mulher, que agora Macon sabia bem quem era e não gostou nada do fato de ter se interessado pela filha do Coronel, virou-se para a menina, que se aproximava rapidamente. A loira mandou uma das crianças que estavam dançando desligar a música, enquanto ela explicava alguma situação à médica.

Aflita, Violet ouviu cada palavra da garota e correu para dentro do ambulatório, onde Malakias e Josias esperavam, deitados lado a lado, na mesma maca.

Ainda na rua, Macon pareceu acordar daquele feitiço e, junto com Thomas, se dirigiu para a estação médica. As crianças foram embora rapidamente do local, cada uma se ocupando de alguma coisa. Macon e Thomas entraram na estação e se deparam com um grande movimento. Não passou despercebido por Macon que a menina recém-chegada com os irmãos

se encolheu na presença deles.

— Me dê a bolsa que está ao lado de minha maleta.

— Soro? — perguntou a loira para Violet.

— Sim, e Melanie... — A mulher se voltou para Violet quando chamada. — Depois veja o que os cavalheiros desejam. — Ao terminar a frase, Violet Bates fitou os olhos de Macon. Ela sorriu amistosamente e se virou para cuidar dos meninos.

Melanie saiu da estação com Thomas e Macon para dar espaço à médica.

— Dói? — perguntou ao apertar a lateral da barriga de um menino e depois do outro.

— Sim! — Malakias respondeu um pouco choroso, e Josias concordou.

— O que comeram desta vez?

Nenhum dos meninos soube responder. Mas Violet tinha uma boa ideia do que havia acontecido. As famílias eram pobres, e o calor era insuportável naquela época do ano. Sem uma geladeira em casa, era provável que os meninos tenham comido algo estragado novamente.

Ministrou o soro e entregou para a irmã dos meninos um vidrinho contendo um remédio para reconstrução da flora intestinal.

— Dê a eles de seis em seis horas. E este aqui. — Ela pegou outra

caixa e entregou para a menina. — Dê de oito em oito horas para a dor. Se amanhã eles ainda estiverem vomitando, volte com os dois novamente.

A menina assentiu, entendendo o que a médica dizia, e se postou ao lado dos irmãos, na pequena e precária maca.

**

Depois de algum tempo conversando com Melanie, os Tenentes avistaram Violet saindo da estação com os meninos, que ainda gemiam, mas certamente estavam melhores do que quando chegaram. Ela deu mais algumas instruções para a irmã dos garotos e passou a mão na barriga da menina. Era plana, mas era possível perceber nitidamente que estava grávida, pela forma carinhosa com que a médica lhe acariciava. A menina formou uma carranca na face, e a mesma carranca se fez na face da médica, quando se deu conta do desgosto da menina — seu nome era Raisha.

Ela agradeceu, enquanto se afastava do toque de Violet, e se despediu junto com os irmãos, que olhavam, impressionados, para os tenentes. Já a menina sequer reconheceu a presença deles.

— Bem... — Começou Violet Bates, se aproximando. — Vocês são novos. Tenho certeza. — Melanie olhou para ela gesticulando com a cabeça, mas era difícil Violet entender seja lá o que ela estivesse tentando avisar.

— Deixe eu me apresentar, senhorita. Sou o primeiro-tenente McCarthy, sou encarregado, junto com o Capitão Morth, pelo comando do QG da Reserva. E este...

— Consigo me apresentar sozinho, tenente — impôs Macon. — Senhorita Bates, sou o primeiro-tenente Kendrick. — informou com firmeza, sem tirar os olhos da médica. Violet sentiu seu coração falhar uma batida ao ouvir a voz do belo homem à sua frente. — Fui enviado pelo coronel Bates, seu pai, para a sua segurança.

Por um momento, Violet se sentiu afogada nas águas verdes dos olhos do tenente.

Minha nossa senhora, que homem, ela se permitiu pensar por um instante antes de se deparar com a realidade.

Espera... Meu pai o quê?

— Meu pai me mandou uma babá? — Cuspiu as palavras, fazendo a gargalhada de Thomas trovejar pela área aberta. Melanie tentou disfarçar a sua própria risada, mas o tenente McCarthy estava tornando tudo realmente muito difícil para que ela não gargalhasse com ele.

“Ótimo!”, pensou Macon.

— Creio que fui designado para algo mais complexo do que isto, senhorita — retrucou, acertando sua postura, olhando para o horizonte e tirando o foco do rosto angelical e sardento da mulher.

Violet colocou as mãos na cintura e estufou o peito.

— Agradeço, mas dispense soldados. Estamos perfeitamente seguras aqui. — Era mentira, Violet só era inocente demais para perceber. O povo da aldeia não gostava muito de americanos, ainda mais aqueles que fossem filiados às forças armadas. Eles não eram violentos, mas só a procuravam quando não conseguiam mais controlar a situação em que estavam.

O pior dessa situação era que seus filhos eram levados quando a desnutrição era avançada, e com os poucos recursos, o trabalho das médicas era muito mais árduo. Por sorte, até aquele momento, não haviam perdido nenhum paciente. Violet e Melanie eram verdadeiras heroínas, e pouco a pouco, mesmo com toda a desconfiança e perigo que as rondavam, iam conquistando a confiança de alguns moradores da região ao mostrarem que sua intenção ali era apenas ajudar.

— Er... Com licença? — Thomas parou de rir, levantando o dedo indicador. — Somos tenentes, não soldados. Você sabe... Patente maior... — Ele se virou e piscou para Melanie, que deu um sorrisinho, fingindo delicadeza e acanhamento.

Pobre Thomas, mal sabia.

— Desculpem-me a indelicadeza, mas creio que meu pai está exagerando. — *Concordo*, pensou Macon. — Posso me cuidar sozinha. — No mesmo momento em que declarou, ela levou uma bolada na cabeça e se

desequilíbrio, quase caindo. *Discordo*, Macon voltou atrás com seu pensamento.

Foi a vez de Macon segurar o riso. Violet se virou para olhar na direção em que foi golpeada.

— *Dualã! Jogue longe da estação!* — pediu em francês, e Macon sentiu seu estômago se contorcer ao ouvir a voz doce da médica em uma língua diferente da sua. Era sexy, e ele estava fodido se ela ficasse falando em francês perto dele com frequência.

— Estou aqui para cumprir ordens, senhorita, e é o que farei. Peço que a senhorita considere o fato de que pode me prejudicar dificultando o meu trabalho de tal forma.

Violet era uma mulher determinada, mas seu coração era inexplicavelmente bondoso. Macon não sabia daquilo, mas ao dizer que ela poderia lhe prejudicar, ganhou a batalha. Sempre sentia que devia fazer tudo para ajudar e evitar afetar qualquer um à sua volta. Olhando seriamente para Macon, ela não viu qualquer sinal de vulnerabilidade, mas ele era um militar. Mesmo que estivesse implorando, não demonstraria, e ela conhecia o pai suficientemente para saber que ele realmente poderia prejudicar aquele homem.

E também o fato de que não precisaria encontrar o capitão Richard Morth constantemente. Aquele homem lhe dava calafrios, com os seus

olhares nojentos para ela e Melanie toda vez que ia fazer a cortesia de saber se estava tudo bem com a filha do coronel.

— Pois bem, soldado. — disse, por fim se entregando.

— *Tenente!* — corrigiu Thomas. Macon nem se preocupou em fazer o mesmo.

— Tenho uma exigência, se vai ficar por aqui.

— Não vamos ficar. — Macon interrompeu. — Não é seguro.

— Eu não voltarei para a base. Se quiser fazer a minha proteção, terá que ficar aqui, comigo.

— Mas...

— Com todo o respeito, soldado...

— Tenente! — Novamente Thomas corrigiu, mas continuava sendo ignorado.

— Eu acho exagerado e desnecessário esse tipo de proteção, meu pai ficou maluco. Ruanda não é um lugar tão violento.

Kendrick a olhou com espanto.

Ela é completamente insana.

Tudo bem, não havia tiroteios, carnificina ou genocídios escancarados, mas a hostilidade do país estava lá, presente e discreta, ou nem tanto, porém Macon não estava disposto a tornar aquela missão mais complicada do que já era.

— Tudo bem, eu ficarei aqui — respondeu, contrariado.

— Nada de farda também. — Ele abriu a boca para protestar, mas a mão da médica o calou. — Meus pacientes têm medo de vocês. E se vai ficar por perto, gostaria que fosse como civil. — Macon não escondeu o sorriso. Ela era pequena, meiga e educada, mas era uma coisinha exigente.

— Assim será, senhorita.

— O quê? — Thomas sussurrou, abrindo os braços. Não estava entendendo Macon.

Não havia motivos para ser hostil com o tenente Kendrick. Pelo que tinha notado, ele queria estar ali tanto quanto ela queria proteção. Então seu sorriso se abriu para o belo homem à sua frente, e Violet levou a mão em direção a ele. Macon sequer pestanejou, pegando a mão da linda garota.

Violet sentiu, naquele momento, que poderia fazer um bom amigo.

Quem Violet estava tentando enganar?

Conheça mais obras da autora

O DESTINO DO CEO

ANDREAS

TRILOGIA ADEUS

GROUPIE

ORANGE KISS

PARA ROXANNE, COM AMOR

SEJA A MINHA GAROTA

AMOR EM RUANDA

QUANDO EM VEGAS

Agradecimentos

Leitores amados, obrigada por me apoiar! Vocês são peça-chave no sucesso de minhas histórias. Amo vocês.

Sobre a autora

Carol Moura é gaúcha, mas mora em Brasília com seu marido e filho.

Turismóloga de formação, apaixonada por literatura, séries e filmes, escrevia em suas horas livres como hobby, até que em 2015 resolveu se aventurar publicando seu primeiro original em plataforma digital.

Em 2017, optou por se dedicar integralmente à escrita, deixando a estabilidade do seu emprego para se arriscar fazendo o que realmente ama: escrever romances.

Tornou-se destaque no Wattpad com o livro Orange Kiss, posteriormente a obra foi sucesso na Amazon juntamente com outros livros da autora, como a trilogia Adeus, Groupie, Para Roxanne, Com Amor, entre outros títulos.

Com O Destino do CEO, a autora alcançou o topo de vendas, com milhões de leituras em apenas quarenta dias, liderando o ranking de e-books mais vendidos na plataforma digital.